

A Pré-história na Beira Interior

Tondela, 21 a 23 de Novembro de 1997

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO



ORGANIZAÇÃO:

Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta
Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa

EXPOSIÇÃO

ASPECTOS DA PRÉ-HISTÓRIA DA BEIRA INTERIOR

CATÁLOGO

Tondela

Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta

1997

Coordenação
Raquel Vilaça

Autores dos textos

Ana Cristina Oliveira (A. C. O.)
Ana Leite da Cunha (A. L. C.)
Domingos Jesus da Cruz (D. J. C.)
Francisco Henriques (F. H.)
João Carlos Caninas (J. C. C.)
João Inês Vaz (J. I. V.)
João Luis Cardoso (J. L. C.)
João Miguel André Perpétuo (J. M. A. P.)
José Paulo Almeida Francisco (J. P. A. F.)
Lucília do Carmo Marrafa (L.C.M.)
Luís Filipe Coutinho Gomes (L. F. C. G.)
Pedro Manuel Sobral de Carvalho (P. M. S. C.)
Raquel Vilaça (R. V.)

Desenho de gabinete

Museu D. Diogo de Sousa
A. Fernando Barbosa
Luís Filipe Antunes
Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras de Coimbra
José Luís Madeira

Conservação e restauro

Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa

Organização

Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta
Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa

Colaboração

Associação Cultural e Recreativa de Tondela
Câmara Municipal de Tondela
Câmara Municipal de Tabuaço
Câmara Municipal de Viseu
Instituto Português do Património Arquitectónico. Direcção Regional de Coimbra
Museu de História Natural / Antropologia. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa

Apoios

Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
Fundação Calouste Gulbenkian
Governo Civil de Viseu
Instituto Português da Juventude — Viseu
Instituto Português do Património Arquitectónico
Secretaria de Estado do Ensino Superior
Câmara Municipal de Tondela
Região de Turismo de Dão / Lafões
Adega Cooperativa de Tondela
Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Viseu-Tondela

Montagem, impressão e encadernação

Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 108-116 — 4000 Porto

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal: 118313/97

ISBN-972-95952-3-2

Preço: 600\$00

Este Catálogo constitui o suplemento 1 do vol. V (1997) da série "Estudos Pré-históricos".

© Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta e Autores.

APRESENTAÇÃO

No âmbito da realização do Colóquio “A Pré-história na Beira Interior” cabe uma pequena e despretenciosa mostra de estações arqueológicas que, não sendo, como é mais do que óbvio, representativas da Pré-história daquela região, e menos ainda, as mais mediáticas e as mais vistosas em termos estéticos ou artísticos, são, contudo, expressão de boa parte do que “hoje” (e de há alguns anos a esta parte) está a ser feito no campo da investigação pré-histórica no centro do território português.

Três objectivos principais nortearam a concepção desta iniciativa.

Por um lado, foi nossa preocupação dar voz aos vários “agentes” que têm investigado a Pré-história desta região. Nesse sentido, convidámos e solicitámos a colaboração de diversos investigadores ligados a Universidades, Associações Culturais e de Defesa do Património, Câmaras Municipais, IPPAR e particulares. A mostra arqueológica é, por isso, resultado do empenhamento de todos aqueles que responderam positivamente à nossa solicitação e a quem expressamos os nossos agradecimentos.

Procurou-se, por outro lado, congregar materiais, bem como outra documentação inédita ou insuficientemente divulgada, quer de trabalhos recentes e/ou em curso, quer antigos, a necessitar de revisão. Algumas das comunicações a apresentar durante o Colóquio são a outra face daquilo que uma exposição, para mais singela como esta, nunca poderia dizer ou mostrar. Iniciativas paralelas mas também articuladas.

Finalmente, entendeu a organização do Colóquio que não deveria perder esta oportunidade para proporcionar, pelo menos durante três dias, aos seus participantes, um contacto mais estreito com uma ínfima parte dessa realidade, tão rica, diversa e singular, que é a Pré-história da Beira Interior.

Terminada a exposição, uma boa parte dos materiais expostos, mesmo se já estudados, voltarão para casa dos arqueólogos ou ficarão encaixotados nas instituições a que estão ligados. Quer dizer que, com raras excepções, nomeadamente de âmbito autárquico — mas todas com múltiplas limitações —, a Pré-história da Beira Interior, na sua versão material “móvel”, continua a não estar disponível. Qualquer um dos três museus regionais tem sido incapaz de cumprir, no âmbito da Arqueologia da região Centro, as suas funções, tardando a criação de um museu regional de arqueologia.

As 24 estações arqueológicas constantes do catálogo estão agrupadas por distritos, que se apresentam por ordem alfabética. Em cada um, as respectivas estações surgem-nos numa sequência de natureza genericamente cronológica. Na identificação de cada estação, constam, por esta ordem, a designação, o enquadramento administrativo (freguesia, concelho, distrito), o tipo de estação, a cronologia e a bibliografia; quando é caso disso (raramente), é indicada a instituição a que pertencem os materiais expostos. Segue-se uma relação do espólio, em princípio, exposto, e um texto sumário sobre cada estação. Nestes, os autores ora utilizam a cronologia tradicional, ora a cronologia em anos reais, resultantes da calibração de datações radiocarbónicas. No primeiro caso optou-se pela indicação, entre parentesis, de que se trata de cronologia convencional. Os textos, por vezes, são acompanhados por ilustrações. No final é reunida a bibliografia geral, fechando o catálogo um mapa com a localização (aproximada) das estações.

Raquel Vilaça

CASTELO BRANCO

Anta 6 do Couto da Espanhola

Rosmaninhal, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.

Monumento megalítico.

Neolítico Médio/Final.

Cardoso, Caninas e Henriques, 1995.

Trata-se de sepultura megalítica que se integra em rica região onde, nos últimos anos, se identificaram cerca de sessenta monumentos megalíticos, tanto de carácter mágico-ritual (menires e cromeleques), como funerários, além de sítios de arte rupestre. Os espaços habitados, conquanto menos evidentes, encontram-se também assinalados, em diversos locais, pela presença de grandes dormentes de mós manuais de grauvaque.

O monumento 6 do Couto da Espanhola, situado escassas centenas de metros daqueles diversos tipos de ocorrências, encontrava-se assinalado por *cairn* praticamente intacto, sublinhado pela concentração de blocos de quartzo leitoso, que conferiam ao montículo artificial, com cerca de 10 m de diâmetro, aspecto singular.

A escavação evidenciou monumento constituído por pequenos esteios de grauvaque e de xisto, definindo uma câmara de planta ovalada fechada. Tal espaço viria a ser dividido, ulteriormente, por septo longitudinal e, enquanto uma das câmaras assim isoladas era, em fase mais recente, totalmente entulhada, a outra, de maiores dimensões, cuja configuração sub-rectangular foi reforçada, permaneceu em uso, correspondendo a pequena cista. O espólio exumado na pequena câmara abandonada é constituído por um crescente, um trapézio de base recta, uma lamela, uma lâmina com retoques marginais e um machado de anfiboloxisto, de talão picotado. O espólio proveniente do espaço cistóide, que continuou em uso, corresponde a uma pequena enxó, um machado e fragmentos de, pelo menos, cinco recipientes lisos (quatro taças em calote e um vaso de colo médio, de perfil suave).

Com base nas características arquitectónicas e artefactuais, considera-se este monumento pertencente a fase precoce do megalitismo regional, com paralelos conhecidos no Alto Alentejo e no Alentejo litoral.

(J. L. C., J. C. C. e F. H.)

Anta 2 do Couto da Espanhola

Rosmaninhal, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.

Monumento megalítico.

Neolítico Final.

Cardoso, Caninas e Henriques, 1997.

Em exposição: 1 machado de pedra polida; 1 enxó; 1 brunidor; 1 pingente; 1 “disco” em xisto; 2 facas em sílex; 2 contas de pedra verde; 1 trapézio; 24 pontas de seta em sílex e quartzo; 3 fragmentos de cerâmica.

Trata-se de monumento de grandes dimensões, no âmbito dos monumentos da região, com câmara poligonal e corredor longo. Entre o espólio recolhido, avulta a grande diversidade tipológica das pontas de seta.

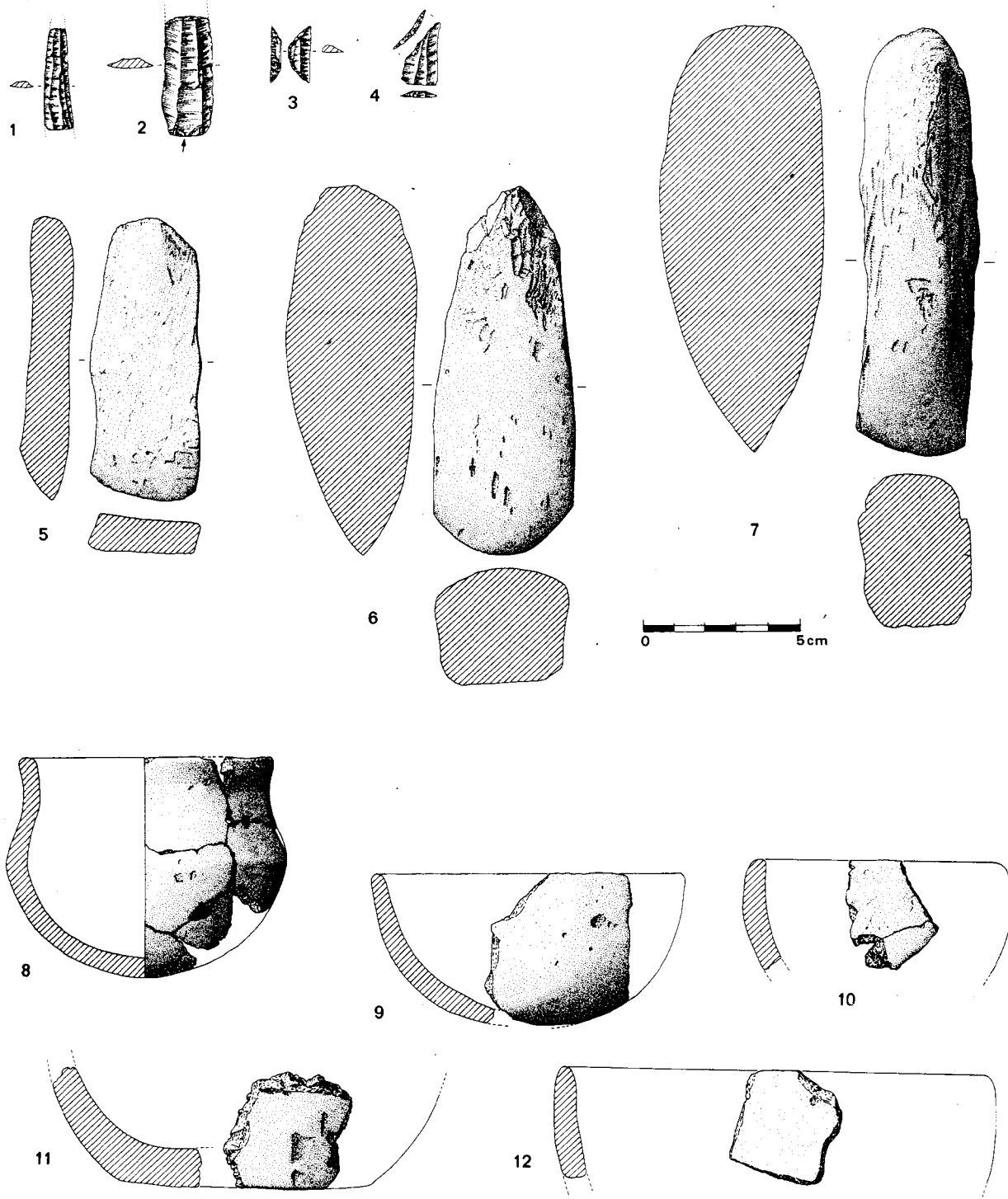


Fig. 1 — Espólio da Anta 6 do Couto da Espanhola

Estas, tal como as lâminas de sílex, muito longas, são sempre de sílex, matéria-prima inexistente na Beira Interior, mas disponível abundantemente na Baixa Estremadura. Desta forma, é de admitir comércio transregional do sílex, o qual seria permutado por anfibólitos, rocha que seria, por seu turno, indispensável às tarefas quotidianas das populações estremenhãs.

As características arquitectónicas deste monumento são compatíveis com a abundância e diversidade do espólio recolhido. Ambas se diferenciam claramente das características e do espólio recolhido na Anta 6

do Couto da Espanhola, monumento distanciado apenas cerca de 1000 m para NE. Desta forma, parecem encontrar-se ilustradas duas fases bem diferenciadas do fenómeno megalítico, com expressão à escala regional.

De salientar que os cerca de sessenta monumentos dolménicos reconhecidos no âmbito deste projecto de investigação arqueológica regional exibem as respectivas mamoadas cobertas de blocos de quartzo leitoso de coloração acentuadamente branca: houve, pois, no decurso do período, por certo longo, em que se observou na região a construção de monumentos dolménicos, a preocupação evidente de os fazer ressaltar na paisagem.

(J. L. C., J. C. C. e F. H.)

Cabeço da Malhoeira

Benquerença, Penamacor, Castelo Branco.

Povoado aberto no topo de um pequeno cabeço.

Calcolítico Inicial/Pleno.

Investigação em curso.

Oliveira, 1996. Resultados a apresentar no Colóquio.

Em exposição: 3 recipientes cerâmicos lisos; 5 fragmentos cerâmicos decorados com impressões a pente e puncionamentos; 2 pontas de seta de xisto e sílex; 1 peça ovóide em argila.

Localizado no distrito de Castelo Branco, concelho de Penamacor e freguesia de Benquerença, o sítio arqueológico do Cabeço da Malhoeira foi identificado ocasionalmente por José Luís Cristóvão, em 1990.

As sucessivas prospecções intencionais realizadas posteriormente no local, todas elas de carácter não sistemático, resultaram na recolha de um diversificado leque de artefactos pré-históricos, líticos e cerâmicos, dispersos à superfície pela acção dos trabalhos agrícolas.

Enquadrado num espaço amplo, aberto e com boa visibilidade, o povoado do Cabeço da Malhoeira ocupa o topo do cabeço com o mesmo nome, definido pela curva dos 474 m, cuja forma arredondada se harmoniza com o ondulado suave que o envolve. A sua vertente norte, voltada para a ribeira da Meimoa, foi cortada pelo prolongamento de um caminho carreteiro, enquanto as vertentes voltadas nas restantes direcções acompanham declives muito suaves que se alongam na direcção dos cabeços vizinhos.

A área planáltica em que se insere a estação é bordejada, de noroeste para norte, pelos relevos do Cabeço do Escarigo (645 m), Monte Pelado (733 m) e Serra da Opa (865 m) e, a sul, pelo alinhamento montanhoso da Serra de Santa Marta (668 m).

Do ponto de vista geológico, o povoado situa-se no complexo xisto-grauváquico anteordovícico com predominância dos xistos gregosos, delimitado pelos depósitos aluvionares da ribeira da Meimoa. Os solos são de boa capacidade agrícola.

A irrigação dos terrenos em redor é feita pela ribeira da Meimoa — na margem esquerda da qual se localiza o povoado — e pelo ribeiro dos Covões que lhe corre pelo norte e nascente.

As escavações arqueológicas iniciadas em 1992 permitiram, até ao momento, identificar uma série de estruturas de carácter habitacional — lareiras, uma estrutura de armazenamento, buracos de poste, um muro e uma estrutura já muito destruída que, pelas suas características, só pode corresponder à base de uma cabana. Associados, ocorrem diversos materiais líticos e cerâmicos que se integram num período inicial ou pleno do Calcolítico.

Contamos, para já, com uma datação absoluta obtida pelo radiocarbono a partir de uma amostra de madeira carbonizada (ICEN - 1085: 4180 ± 50 BP) que, após calibração para a probabilidade estatística de 2 sigma, permite estabelecer um período provável de ocupação entre 2892 e 2585 cal. AC.

Do vasto e diversificado espólio acumulado resultante da prospecção e das diversas intervenções efectuadas entre 1992 e 1996 está ausente qualquer vestígio de metal, potencial indicador do conhecimento e prática da metalurgia ou, apenas, da posse de objectos metálicos.

Entre os artefactos líticos contam-se numerosos elementos de mó tipo vaivém. Para além da função primária à qual se destinavam, destacamos o achado de elementos moventes que funcionaram duplamente como bigornas. Estes moventes/bigorna caracterizam-se por apresentarem, na superfície oposta à que foi activa na moagem, uma ou duas cavidades resultantes do desgaste provocado pelos embates. Por outro lado, os elementos de mó — e são praticamente só dormentes — foram igualmente aproveitados como elementos de construção em estruturas. Significativo é, também, o conjunto de seixos naturais e de lascas de xisto afeiçãoados e utilizados como pesos de tear ou como peças do equipamento de fiação — o caso do tensor, por exemplo. As pontas de seta, o furador, fragmentos de lâmina e lascas de debitação atestam o fabrico local de utensílios em pedra lascada. Talvez possamos associar a esta prática a presença dos percutores em pedra. Lascados, ou simplesmente desbastados em toda a periferia, são os “discos”, objectos aos quais é difícil atribuir uma função. Para além do seu aparecimento neste povoado detectam-se, igualmente, noutros pontos do vale da Meimoa. Os machados em pedra polida apresentam graus diversos de desgaste, evidenciando, alguns deles, sinais de uso intenso. Elementos líticos, mas especificamente destinados ao adorno pessoal, são as contas de colar, verdes, em variscite.

No que respeita ao material cerâmico, abundam os recipientes e os pesos de tear. Os primeiros apontam para uma certa homogeneidade ao nível das formas, muito embora não estejam ainda completamente identificados os diversos tipos morfológicos. Para já, distinguem-se taças globulares, panelas globulares de colo curto e potes de grande capacidade, que se supõe destinados ao armazenamento. As pastas apresentam alguma diversidade no que respeita à sua qualidade. Predominam as formas lisas. O quadro decorativo revela técnicas e tipos decorativos diversos. Das primeiras salientamos a incisão, a impressão e o puncionamento, bem assim como os motivos plásticos. No segundo ponto verifica-se uma percentagem importante de decorações a pente de tipo variado, sendo de destacar, pela sua raridade, a combinação de impressões a pente com puncionamentos circulares. Os pesos de tear integram-se na categoria das placas, em argila, rectangulares e perfuradas nos topos com quatro ou dois furos. Para além destes materiais pontuam outros integráveis em tipologias pouco comuns, como é o caso do fragmento de roldana — outra peça provável do equipamento de fiação — e do fragmento de cilindro, ou mesmo raras, sendo este o caso do elemento “ovóide”.

Globalmente, o espólio registado permite concluir a prática de determinadas actividades domésticas como é o caso da moagem, da fiação e tecelagem e, ainda, do fabrico de instrumentos líticos.

Registaram-se alguns ecofactos, nomeadamente sementes, de diferentes espécies, cuja presença, embora esparsa, nos parece sublinhar uma característica económica do povoado. Dada a sua localização em zona muito fértil para a agricultura, é de pressupor que se trate de um povoado eminentemente agrícola e com eventual reserva de excedentes de produção.

Ainda sem um quadro cronológico de referência construído para o Calcolítico da Beira Interior, o povoado do Cabeço da Malhoeira vem somar dados e acrescentar questões interpretativas que importa resolver. Será importante perceber o estágio de desenvolvimento desta comunidade, o seu relacionamento com outros povoados da região e o seu papel num sistema económico de trocas quer a nível regional quer mesmo supra-regional.

(A. C. O.)

Monte do Trigo

Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova, Castelo Branco.

Povoado parcialmente muralhado no topo de uma elevação de forma cónica.

Calcolítico e Bronze Final.

Investigação em curso.

Vilaça e Cristóvão, 1995.

Em exposição: 3 fragmentos de pratos e taças de bordo espessado e almendrado; 1 fragmento de cerâmica campaniforme de estilo marítimo; 5 pesos de tear; 3 taças carenadas; 1 pequeno recipiente de perfil em S; 2 potes; 2 “fichas” em bronze; 1 octaedro em bronze.

Identificado em 1993 durante trabalhos de prospecção, o povoado do Monte do Trigo situa-se na freguesia e concelho de Idanha-a-Nova, à altitude absoluta de 362 m. A área de interesse arqueológico circunscreve-se ao topo de uma inconfundível elevação de forma cónica, que se destaca na paisagem. Trata-se de uma pequena plataforma grosseiramente oval, amesetada, abrangendo uma área de aproximadamente 630 m². Faz parte da bacia hidrográfica do Ponsul, que corre, com orientação nordeste/sudoeste, a cerca de 1600 metros para poente.

Três curtas campanhas de escavação realizadas, respectivamente, em 1995, 1996 e 1997, permitiram a identificação de duas grandes fases de ocupação do sítio, uma atribuível, genericamente, à 2.^a metade do III milénio a.C., outra datável dos inícios do I milénio a.C. (convencional).

As sondagens realizadas na área central da plataforma revelaram que esse espaço se encontra profundamente destruído, sendo, por conseguinte, muito diminuto o seu interesse arqueológico. Mas na periferia da plataforma, junto aos rebordos, dos lados nascente e sudeste, onde as vertentes são mais suaves e desprotegidas, conservam-se ainda os restos de uma muralha. Na sua construção foi utilizada matéria-prima local — quartzo e quartzitos — na forma de angulosos blocos amontoados, sem argamassas de ligação; está hoje limitada aos alicerces, que assentam sobre os níveis de ocupação calcolítica, e a extensos derrubes.

A ocupação calcolítica do sítio manifesta-se através das cerâmicas — pratos e taças de bordo espessado e almendrado, campaniforme de estilo marítimo, na variante internacional — e nos pesos de tear — típicos “crescentes” de barro com perfuração nos topos (com diversos subtipos), que predominam, mas também placas paralelepípedicas. A decoração da cerâmica calcolítica não campaniforme é raríssima, circunscrevendo-se a alguns exemplares com unguiações (de tradição neolítica) e a incisões com pontilhado.

Culturalmente, no Monte do Trigo, estamos no mundo do chamado Calcolítico do Sudoeste que, a crer no actual estado da informação, teria precisamente por aqui os seus limites setentrionais. Mas o Calcolítico da Beira Baixa não se identifica com o Calcolítico do Sudoeste. A par do mundo representado por aquelas primeiras cerâmicas, presentes em contextos habitacionais (povoado da Charneca do Fratel, Vila Velha de Ródão), mas também em monumentos megalíticos (dólmen de Farranhão, Perais) (Caninas e Henriques, 1987: 25), existem outros, onde têm lugar as cerâmicas decoradas com incisões, impressões, nomeadamente “penteadas”, e puncionamentos, como sucede com o povoado da Malhoeira, Penamocor (Oliveira, 1996: Est. XXII e XXIII), que nos levam à Beira Alta e ao Norte de Portugal. Como se relacionaram estes vários mundos, é algo que está por investigar. Portanto, o Calcolítico da Beira Baixa foi um processo pouco uniforme ou, se quisermos, temos na Beira Baixa não um, mas vários Calcolíticos, ainda que não os saibamos, por ora, caracterizar e balizar convenientemente.

A ocupação de inícios do I milénio a.C. integra-se perfeitamente no que se conhece do Bronze Final da região, o que permitirá realizar no Monte do Trigo um estudo integrado, ao nível da rede de povoamento regional.

Cerâmicas e materiais metálicos encontram múltiplos paralelos nas estações coevas da região, como o Monte do Frade, os Alegrios e a Moreirinha. Constitui excepção a peça de bronze de forma octaédrica, para a qual não conhecemos quaisquer paralelos e cuja funcionalidade não é explícita. As outras duas peças de bronze expostas levantam igualmente problemas de interpretação, embora para elas se conheçam paralelos, pelo menos na Moreirinha (Vilaça, 1995: Est. CCXLVI-13), no depósito do Cabezo de Araya, Cáceres (Almagro, 1961: 16 e fig. 4 -23, 24 e 32), no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (Carreira, 1994: 86 e 129) e no castro de Pragança (materiais inéditos). A sua funcionalidade é igualmente pouco explícita e muito discutível, embora tivéssemos avançado com a hipótese de corresponderem a “pesos”, isto é, elementos de um qualquer sistema ponderal vigente à altura (Vilaça, 1995: 344). Será correcto integrar o octaedro nesta mesma linha interpretativa?

(R. V.)

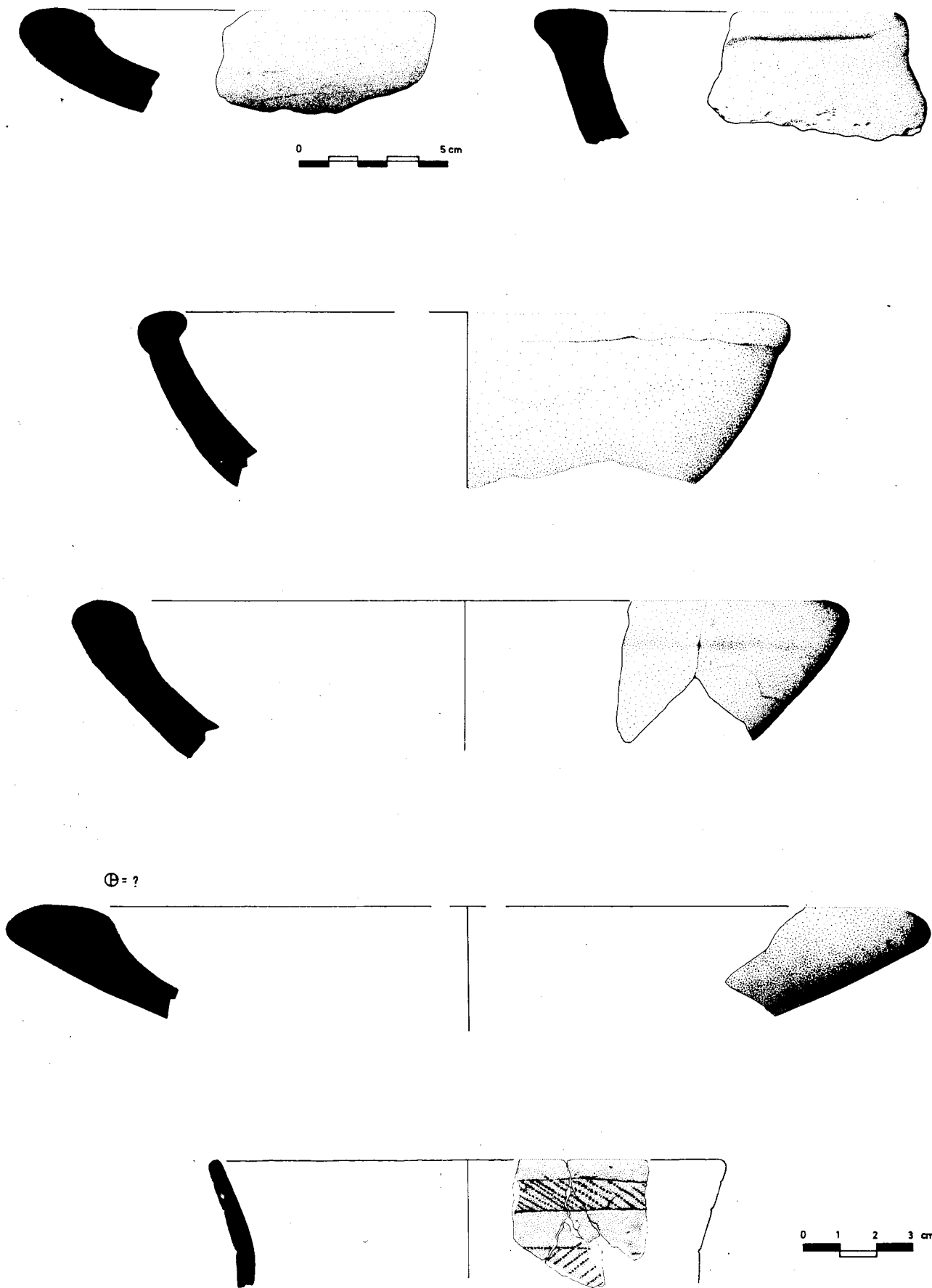


Fig. 2 — Espólio do Monte do Trigo (ocupação calcolítica).

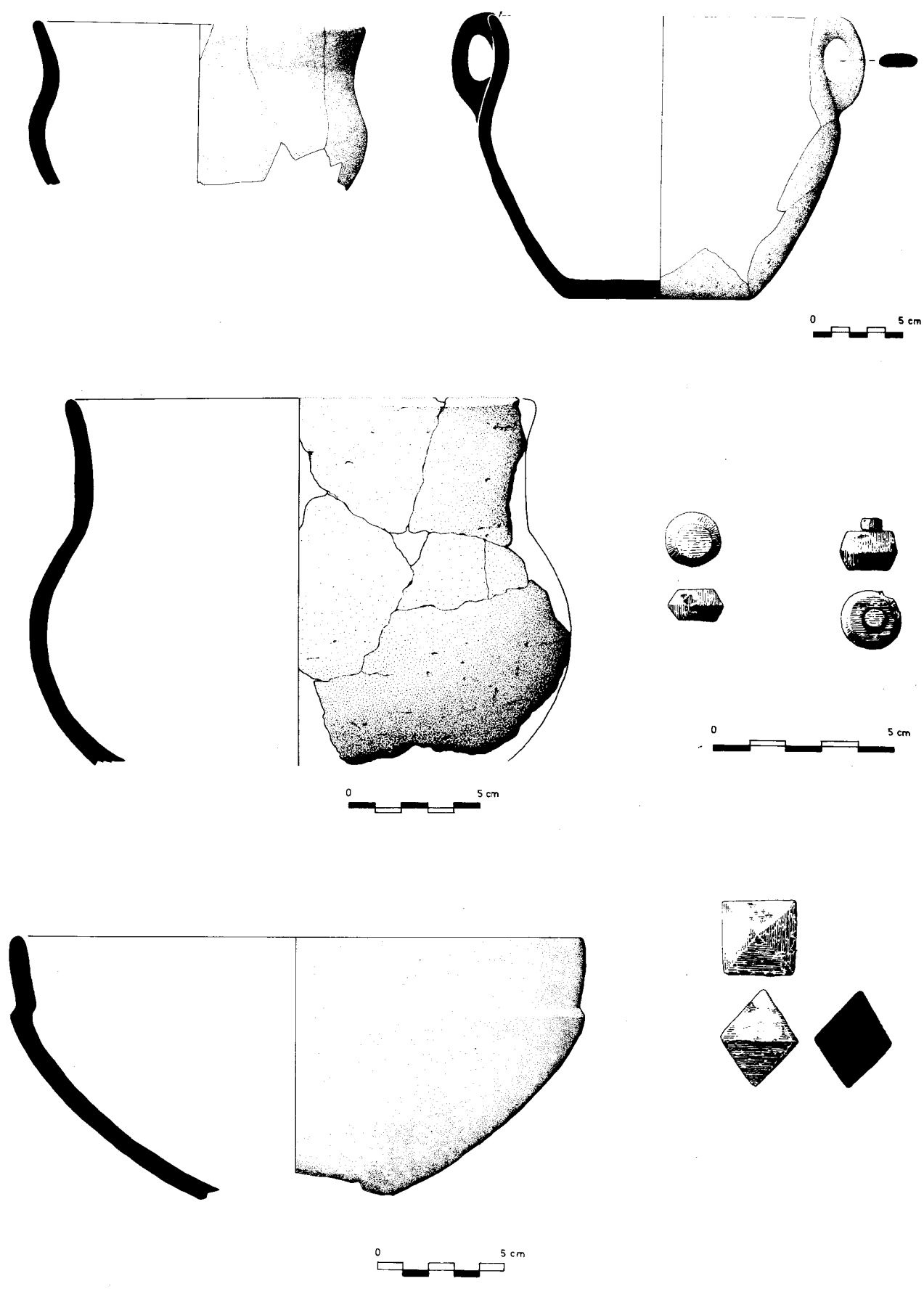


Fig. 3 — Espólio do Monte do Trigo (ocupação do Bronze final).

Estruturas 1 e 2 do Monte de S. Domingos

Malpica do Tejo, Castelo Branco, Castelo Branco.

Recintos de forma circular definidos por blocos e lajes de xisto e grauvaque.

Bronze Final.

Resultados a apresentar no Colóquio.

Em exposição: 2 recipientes cerâmicos incompletos.

As estruturas circulares do Monte de São Domingos distam entre si cerca de 18 m, segundo um alinhamento Este/Oeste. Designou-se por Estrutura 1 o monumento que foi escavado em primeiro lugar; a Estrutura 2, de maiores dimensões, encontra-se a cota superior, em cerca de 1 m. Ambas se implantam em encosta suave, com ligeiro pendor para SE, a qual se encontra delimitada no sopé por linha de água temporária. A área é utilizada na actualidade como pastagem, com cobertura pouco densa de azinheiras.

A Estrutura 1 corresponde a construção de planta circular com 3,5 m de diâmetro externo, é definida por pequenas lajes de xisto e de grauvaque, como se de ortóstatos se tratasse, suportados exteriormente por blocos e lajes, de maiores dimensões, dispostos predominantemente de cutelo, de modo a reforçarem a esta-

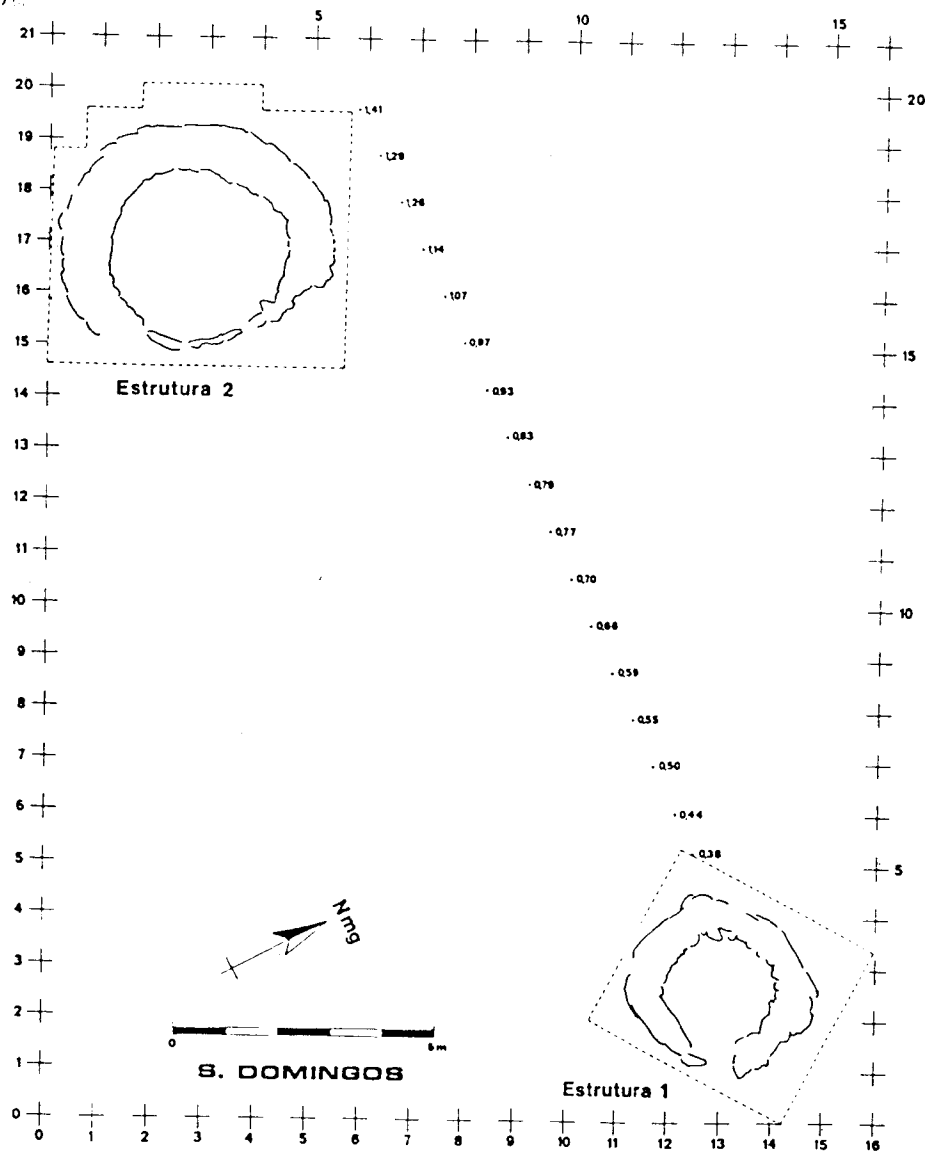


Fig. 4 — Planta das estruturas 1 e 2 do Monte de S. Domingos.

bilidade. No interior do recinto assim definido e sobre o seu chão primitivo, em saibro pisado, recolheu-se uma grande taça de carena alta, além de fragmentos de dois outros recipientes característicos da Idade do Bronze. Foi ainda reconhecida localmente a prática do fogo, que endureceu e conferiu tonalidade avermelhada ao solo. Observou-se solução de descontinuidade no referido muro, correspondente a entrada, voltada para SE.

A Estrutura 2, com o diâmetro externo de 5,5 m, é definida por muro espesso, constituído por paramento interno de ortóstatos de grauvaque muito regulares, dispostos verticalmente, sendo a estabilidade do muro assegurada, do lado externo, por uma dupla coroa de sustentação, também constituídas por lajes de grauvaque, postas de cutelo as do alinhamento mais exterior. O enchimento interno é constituído por elementos de pequenas e médias dimensões, pouco consolidadas entre si.

Tal como a Estrutura 1, também esta possuía entrada voltada para SE. O seu interior era constituído por pavimento regular de saibro pisado, no qual se identificaram três estruturas pétreas. A que ocupa a zona

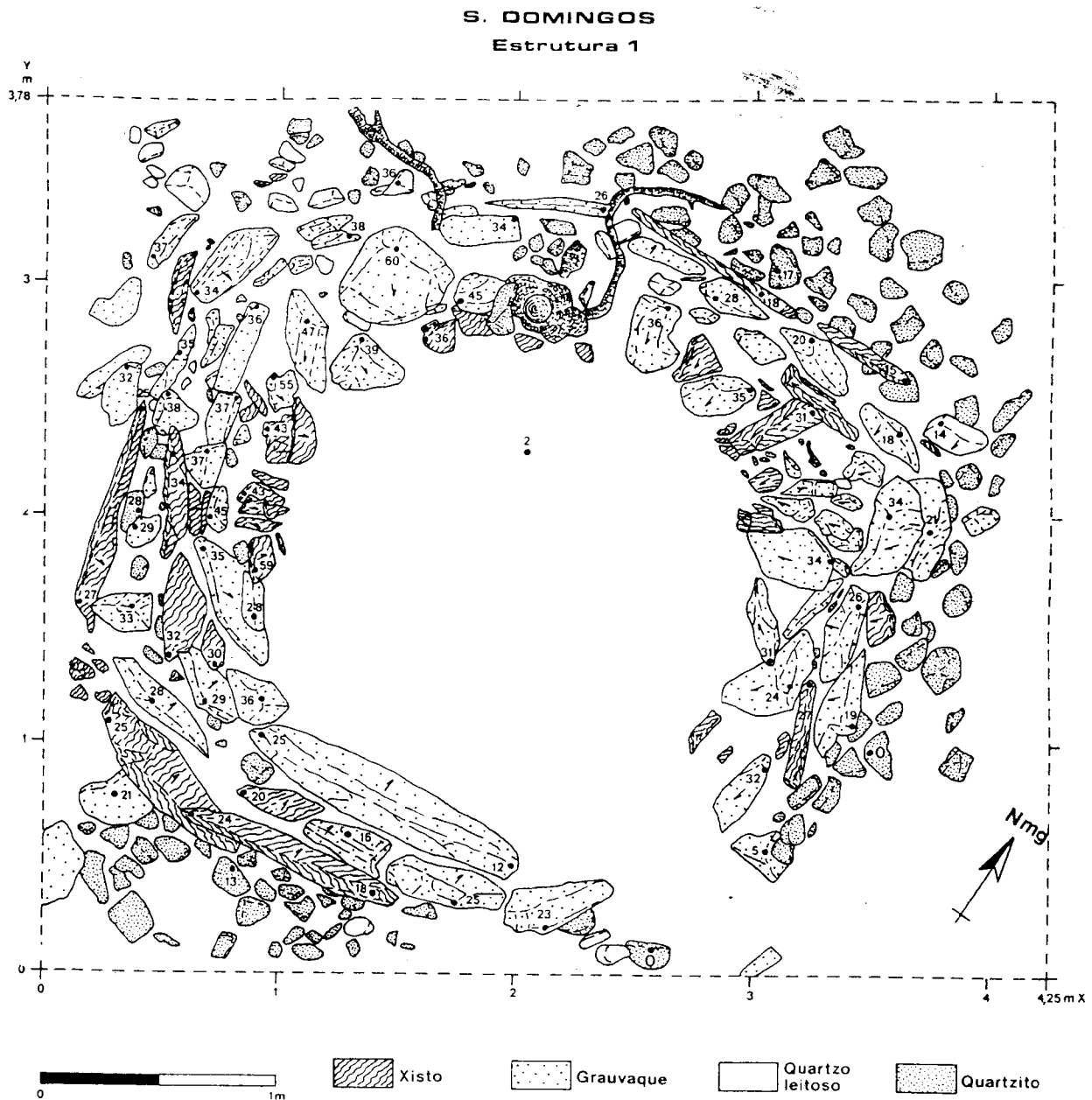


Fig. 5 — Planta da estrutura I do Monte de S. Domingos.

central corresponde à fixação de um poste de madeira, indício de que a estrutura possuía cobertura de materiais perecíveis. Duas outras acumulações pétreas cobriam recipientes cerâmicos. Uma, depois de removida, deixou a descoberto grande urna, da Idade do Bronze, no interior da qual se recolheram ossos humanos muito calcinados, de mistura com taça carenada que cobria primitivamente aquela. Trata-se, claramente, de uma sepultura de incineração realizada no subsolo do pavimento. A outra acumulação de blocos de quartzo, de contorno aproximadamente quadrangular, cobria recipiente em muito mau estado, de forma indeterminável.

É ainda cedo para apresentarmos conclusões definitivas sobre o significado destas duas estruturas. Crê-se, no actual estado dos conhecimentos, que podem considerar-se como duas cabanas do Bronze Final, no subsolo de uma das quais — a de maiores dimensões — se efectuou, pelo menos, uma sepultura de incineração.

(J. L. C., J. C. C. e F. H.)

COIMBRA

Anta do Pinheiro dos Abraços

Bobadela, Oliveira do Hospital, Coimbra.

Monumento megalítico.

Neolítico Final (com reutilizações).

Investigação em curso.

Senna Martinez, 1982.

Em exposição: 4 trapézios em sílex e quartzo; 1 lâmina em sílex; 10 pontas de seta em sílex e quartzo; 1 alabarda em sílex; 1 machado votivo de pedra polida; 2 contas de colar em azeviche; 1 utensílio votivo(?).

A Anta do Pinheiro dos Abraços é um monumento megalítico classificado como “Imóvel de Interesse Público” pelo Decreto-Lei n.º 26/92, de 1 de Junho.

Fica situado na freguesia de Bobadela, concelho de Oliveira do Hospital, num pinhal a norte da estrada Oliveira do Hospital/Bobadela, 500 m a noroeste do cruzamento desta com a que segue para Travanca de Lagos.

Está inserida numa mamoa de forma ovalada, cujos eixos ortogonais medem aproximadamente 18 m (OSO/ESE).

A Anta tem de comprimento cerca de 9,2 m, dos quais 6 m de corredor e 3,2 m de diâmetro máximo da câmara e 1,5 m de largura média do corredor. Todas estas medidas foram feitas ao nível da base.

A câmara é formada por oito esteios. O corredor deveria ter dez esteios de cada lado, mas presente-mente só tem quatro no lado sul e nove no lado norte. Possui ainda uma laje de cobertura sobre os esteios que dão acesso à câmara.

Este monumento foi escavado em 1966 pelo Prof. Castro Nunes, que dele retirou espólio abundante, sendo de referir três recipientes com decoração campaniforme, dois provenientes da câmara e um do corredor.

Os resultados desta escavação nunca foram publicados na íntegra, embora o seu responsável tenha apresentado uma comunicação no *II Congresso Nacional de Arqueologia*, (Coimbra, 1970) que, por razões que desconhecemos, não chegou a ser publicada. Posteriormente, em 1980, voltou a apresentar, sobre o assunto, uma comunicação ao *III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular* (Guimarães) mas que, infelizmente, também não foi publicada.

O Prof. Senna Martinez publicou em 1982, na *Clio*, n.º 4, uma súmula dos materiais campaniformes exumados dos monumentos megalíticos do concelho de Oliveira do Hospital escavados pelo Prof. Castro Nunes, entre os quais se encontram os da Anta do Pinheiro dos Abraços. Nesta publicação é feita uma breve descrição dos monumentos, é dada a sua localização, o seu ambiente geográfico e apresentado o contexto dos materiais estudados. São ainda publicadas plantas e alçados.

Durante parte dos meses de Abril e Maio de 1992, a autora, como técnica da Divisão de Arqueologia da DRC do IPPC, efectuou no monumento trabalhos de escavação e restauro, com o apoio da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital. Estes trabalhos, que tiveram por finalidade o restauro e consolidação das suas estruturas que se encontravam em estado precário, permitiram também fazer a recolha de um espólio razoável, do qual uma parte se encontra em exposição. Fizeram-se também novas plantas do monumento, quer ao nível da superfície da mamoa, quer ao nível da base, após o seu total esvaziamento.

Refira-se que grande parte deste material foi recolhido no peneiro, uma vez que se sabia que o monumento tinha sido completamente escavado até ao solo de base. No entanto, toda a terra retirada foi crivada, o que permitiu fazer a sua recolha.

As peças encontradas durante a escavação foram registadas tridimensionalmente, embora à partida não devessem estar *in situ*, salvo a excepção de uma alabarda e das peças que se encontravam associadas a ela — duas pontas de seta, uma lâmina e uma conta de colar toneliforme, em variscite, que estavam situadas sob o primeiro esteio da câmara, lado norte.

Entre o espólio recolhido durante os trabalhos de restauro, além do já acima mencionado, contam-se ainda vinte e três contas verdes (a grande maioria em calaíte), cinco contas de xisto, duas em azeviche, uma em osso, um pendente triangular, vinte e quatro pontas de seta, treze trapézios, dois fragmentos de núcleos, um triângulo, fragmentos de lâminas e lamelas, um pequeno machado votivo, bem como um pequeno utensílio polido, cujas extremidades são, respectivamente, machado e enxó, e ainda vários fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões, dos quais um com decoração campaniforme, pertencente com certeza a um dos vasos exumados pelo Prof. Castro Nunes.

(A. L. C.)

GUARDA

Casa da Orca

Cortiçô, Fornos de Algodres, Guarda.

Monumento megalítico.

Neolítico Final.

Investigação em curso.

Cruz, 1993b.

Em exposição: 12 micrólitos em sílex e quartzo; 36 pontas de seta em sílex e quartzo; 1 lâmina em sílex.

Monumento megalítico conhecido localmente por “Casa da Orca”. Situa-se nos limites da freguesia de Cortiçô, no concelho de Fornos de Algodres. É conhecido desde os finais do século passado, quando J. Leite de Vasconcellos, o fundador do actual Museu Nacional de Arqueologia e da revista *O Arqueólogo Português*, ali realizou uma curta exploração arqueológica. Foi, recentemente, classificado como Imóvel de Interesse Público (1992), e alvo de trabalhos arqueológicos (1993), promovidos pela Câmara Municipal de Fornos de Algodres, no âmbito dos projectos de valorização do património arqueológico concelhio, com o apoio do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra e do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

Os referidos trabalhos tiveram por objectivo, além de motivações propriamente científicas, o restauro e consolidação das estruturas megalíticas, bem como o arranjo da área envolvente.

Trata-se de um dólmen de grandes dimensões, com corredor de acesso; a câmara, de planta poligonal, é formada por nove esteios, medindo 3,90 m de largura, 3,20 m de comprimento e 3 m de altura; o corredor, diferenciado daquela, em planta e em alçado, mediria originalmente c. de 4,80 m de comprimento e 2 m de altura, pelo menos junto à entrada da câmara. A importância do monumento é acrescida pelo facto de alguns dos seus esteios conterem motivos pictóricos, a vermelho.

Para além dos materiais recolhidos por Leite de Vasconcellos — 3 pontas de seta, em sílex, duas de base triangular e 1 de base côncava; pequeno machado de pedra polida, em rocha metamórfica —, os recentes trabalhos permitiram ainda a exumação, em situação de revolvimento, de um grupo significativo de artefactos, destacando-se as pontas de seta, em sílex e quartzo, lâminas e lamelas, de sílex, fragmentos de vasos cerâmicos, alguns dos quais decorados, etc.

O monumento, tendo por base o espólio, os elementos construtivos, as pinturas de alguns esteios, bem como as cronologias que têm sido obtidas para outros monumentos similares da mesma região, terá sido construído nas primeiras centúrias do IV milénio a.C. (4000/3700 anos a.C.).

Os trabalhos de restauro permitiram a reconstituição total da câmara funerária e, parcial, do corredor de acesso.

Escavações de D. J. Cruz, inéditas.

(D. J. C.)

Casa da Orca de Corgas da Matança

Matança, Fornos de Algodres, Guarda.

Monumento megalítico.

Neolítico Final.

Cruz, Cunha e Gomes, 1988-89; Cruz, 1993b.

Em exposição: 1 micrólito em sílex; 2 pontas de seta em sílex; 1 conta de colar em anidrite; 1 “ídolo”/amuleto em lenhite.

A “Orca” ou “Casa da Orca” de Corgas da Matança situa-se nas Corgas, freguesia da Matança, concelho de Fornos de Algodres, em amplo vale onde corre o Carapito, contrastando, neste aspecto, com a Casa da Orca de Cortiçô. Conhecido desde o século XVIII, é escavado, nos finais do século XIX, por José Leite de Vasconcellos, quando de uma das suas primeiras digressões pela Beira; desta intervenção resultou algum espólio, hoje depositado no Museu Nacional de Arqueologia. Em 1961 é classificado como Imóvel de Interesse Público.

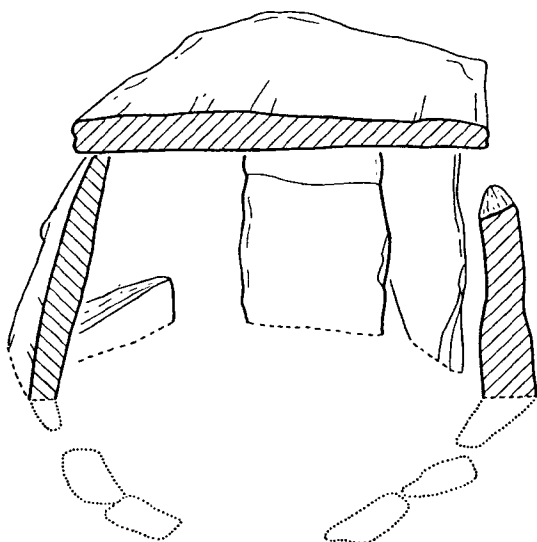


Fig. 6 — Vista isométrica.

A intervenção realizada em 1988 na Orca de Corgas da Matança tinha em vista, por um lado, a valorização do património local, indo de encontro ao interesse manifestado, desde há muito, pela Câmara Municipal de Fornos de Algodres, por outro, a consolidação e restauro das estruturas megalíticas, a definição de uma área de protecção — que impedisse a utilização agrícola dos terrenos que lhe são imediatamente adjacentes —, a sinalização do monumento e o arranjo da área envolvente e dos acessos. Ao nível científico interessava averiguar o significado dos dois fragmentos de esteios existentes à entrada do dólmen — e, bem assim, da existência, ou não, de um corredor de acesso —, e o

levantamento das gravuras rupestres entretanto identificadas.

Estes trabalhos, e consequentes levantamentos em planta e em secção, permitiram a sua caracterização rigorosa: câmara de nove esteios, de grandes dimensões — 3,90 m de altura, em média —, fortemente enterados no solo original, de planta poligonal, com a entrada virada a SSE; não foram detectados quaisquer vestígios do corredor, embora seja de referir, neste contexto, a existência de uma pedra, paralelepípedica (seccionada na parte superior), integrada perifericamente na estrutura de pedras que constituía o contraforte na área norte, que poderá corresponder à base de um pilar, relacionando-se com uma possível estrutura de acesso — embora de pequenas dimensões — talvez do tipo “corredor curto”, ou apenas com a definição da entrada com dois pilares.

O dólmen de Corgas da Matança possui insculpturas em dois dos seus esteios: na laje de cabeceira, ao nível da base, no lado esquerdo, uma figura serpentiforme, de sulcos largos e pouco profundos, obtida por picotagem e abrasão; no segundo esteio do lado sul, totalmente insculptado com motivos mais complexos mas tecnicamente semelhantes.

Apesar de o monumento já ter sido escavado e, ao longo do tempo, ter sofrido inúmeros remeximentos, a sua escavação forneceu ainda algum espólio, parco mas significativo, destacando-se um micrólito geométrico, em sílex, duas pontas de seta, em sílex, uma conta de colar, em anidrite, um “ídolo”/amuleto, em lenhite, fragmentos cerâmicos, alguns dos quais decorados, acrescentando-se ao espólio já conhecido: uma enxó, de anfíbolito, um pequeno vaso cerâmico, etc.

Estes elementos, associados às características arquitectónicas do monumento, permitem enquadrá-lo cronologicamente. Estima-se que tenha sido construído há cerca de 6000 anos, talvez no primeiro terço do IV milénio a.C. Importa, por fim, salientar que alguns dos documentos exumados confirmam a existência de contactos inter-regionais, ao nível peninsular, em momentos bastante longínquos da Pré-história recente, nomeadamente entre a Beira Alta e, directa ou indirectamente, as comunidades megalíticas da área meridional da Península, em especial com o SE peninsular.

(D. J. C.)

Fraga d'Aia

Paredes da Beira, S. João da Pesqueira, Viseu

Abrigo com pinturas

Neolítico Médio/Calcolítico Final

Baptista, 1988; Jorge, *et alii*, 1988a, b e c; Jorge 1991;

Em exposição: 1 painel com pinturas.

Abrigo granítico, constituído por um amontoado de blocos formando, substancialmente, uma “parede de fundo”, subvertical, medindo cerca de 7 m de extensão e 3 m de largura, em cuja superfície foram executadas pinturas a vermelho, e uma plataforma, com enchimento e vestígios de ocupação pré-histórica; situa-se na margem direita do rio Távora, em encosta declivosa, na freguesia de Paredes da Beira (Jorge, *et alii*, 1988a e b; Jorge, 1991).

O enchimento da plataforma era pouco espesso, revelando vestígios arqueológicos nas camadas 2 e 3, nomeadamente duaslareiras estruturadas, para além de artefactos: de pedra lascada, destacando-se um micró-lito geométrico, uma ponta de seta, presumivelmente de base côncava, duas lamelas, tudo em sílex, além de numerosas lascas com retoques, em sílex e em quartzo, e o fragmento de uma lâmina, em quartzo hialino; de pedra polida, três enxós, de anfíbolito e de silimanite, e elementos de moinhos manuais, sobretudo móveis; seixos rolados, um cristal de quartzo, etc., para além de fragmentos de vasos cerâmicos, totalizando 14 recipientes, alguns dos quais decorados, dominando os vasos de corpo esférico e as taças em calote; nos exemplares decorados a ornamentação foi obtida por incisão, puncionamento simples, por vezes também arrastado, bem como impressão “penteada”, executada de modo arrastado.

Relativamente às pinturas, foram identificados 2 conjuntos pictóricos, executados em diversos tons de vermelho, espacial e estilisticamente diferenciados, devendo corresponder a duas fases de execução; um, relacionando-se com a primeira fase decorativa, é dominado por uma provável “cena de caça” ao cervídeo, aproximando-se do estilo subnatura-

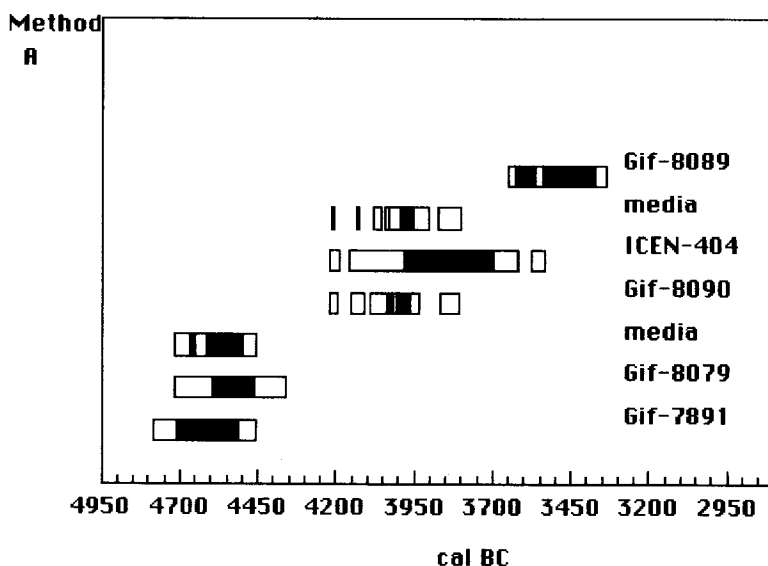


Fig. 7 — Representação gráfica das datações convencionais calibradas de Fraga d'Aia. Método A. (Período convencional “Libby” de 5568 anos e intervalos de confiança de ± 1 sigma (68,26%) e ± 2 sigma (95,46%). Na calibração utilizou-se o *Radiocarbon Calibration Program* do Quaternary Isotope Laboratory da Universidade de Washington, versão 3.0.3c, com curva de 20 anos (Stuiver, M. & Reimer, P. J., 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230) e as curvas de M. Stuiver & G. W. Pearson, 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 1-23.

lista, associando-se a alguns restos de antropomorfos esquemáticos; outro, melhor conservado, realizado na zona mais protegida do abrigo, em superfície previamente afeiçãoada e alisada, é constituído por um pequeno friso de figuras antropomórficas, associadas a zoomorfos, variando entre um estilo naturalista, a um quase esquematismo.

O abrigo pintado de Fraga d'Aia, a partir dos resultados de um grupo numeroso de datações radio-carbónicas obtidas com amostras de madeira carbonizada, terá começado a ser utilizado, pelo menos com resíduos arqueológicos reconhecíveis, num momento do V milénio a.C., que podemos situar aproximadamente entre 4700 e 4450 a.C. (lareira 2) e subsequentemente, no Neolítico Final, entre 4100 e 3800 a.C., e do Calcolítico Final, entre 3650 e 3300 a.C. (camada 3 e lareira 1), aos quais se poderá adscrever a execução de parte das pinturas do painel mais amplo, nomeadamente a possível “cena de caça”, atribuído pelos autores do trabalho de escavação arqueológica deste sítio à fase A de execução; o pequeno friso, localizado em sítio recôndito, poderá apontar para cronologias bastante mais tardias, eventualmente já da Proto-história.

(D. J. C.)

Dólmen de Areita

Paredes da Beira, S. João da Pesqueira, Viseu.

Monumento megalítico.

Neolítico Final.

Resultados a apresentar no Colóquio.

Em exposição: 34 micrólitos; 3 lâminas; 1 goiva; 2 machados de pedra polida; 1 colar com contas em xisto e variscite.

O Dólmen de Areita localiza-se junto à estrada que liga as povoações de Paredes da Beira e Riudades, corresponde a um dos maiores monumentos do género existentes na Beira Alta, sendo composto por uma câmara poligonal, de sete esteios, e corredor de acesso de médias dimensões.

Na sua área fronteira, e no montículo artificial que o envolvia, foi possível detectar todo um conjunto de estruturas, nomeadamente um “corredor intratumular” e/ou “átrio” e subsequente selagem desse mesmo espaço de acesso.

Ao nível do espaço interno, e mormente na área da câmara, mantida intacta até aos dias de hoje, foi possível detectar-se um só nível primário de utilização definido por uma camada de areão coberta de ocre e sobre a qual se conservaram ainda restos ósseos humanos associados a uma variada panóplia de artefactos — micrólitos, lâminas, uma goiva e dois machados de reduzidas dimensões, mais de 3000 pequenas contas discoidais, em xisto, e quase duas dezenas de contas verdes, em variscite — que, pelas características, nos permitem situá-lo nos finais do IV milénio a.C. (convencional).

Sob o primitivo espaço de utilização, foram identificados vários troncos carbonizados, muito provavelmente relacionados com estruturas de madeira colocadas aquando da construção e utilizadas como apoio às próprias estruturas megalíticas.

Quando este já se encontrava totalmente edificado, e antes da deposição da camada de areão sobre a qual seriam depositados os inumados, as estruturas de apoio não terão sido simplesmente removidas mas antes queimadas *in situ*, talvez correspondendo a mais uma manifestação ritual através do fogo.

Refira-se ainda a presença de uma estrutura de tipo “cista”, em granito, que se encontrava no interior da câmara, encostada a um dos esteios do lado sul. Trata-se de uma estrutura pouco frequente no contexto do megalitismo peninsular, talvez relacionando-se com a deposição de cadáveres no seu interior.

Os trabalhos de restauro, bastante complexos, compreenderam, entre outras acções, a reposição de um enorme esteio da câmara funerária, bem como da laje de cobertura.

A musealização do sítio implicou ainda a reconstrução do *tumulus* e corte da vegetação arbórea que obstruía completamente o espaço envolvente do sepulcro.

Escavações de L. F. C. Gomes, P. M. S. Carvalho, J. P. A. Francisco, J. Perpétuo e L. C. Marrafa (1996).

(L. F. C. G., P. M. S. C., J. P. A. F., J. M. A. P., L. C. M.)

Orca do Picoto do Vasco

Pendilhe e Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva, Viseu.

Monumento megalítico.

Neolítico Final.

Investigação em curso.

Abrunhosa, *et alii*, 1995.

Em exposição: 3 micrólitos em sílex; 2 recipientes cerâmicos; fragmentos de granito com efeitos de vitrificação.

A Orca do Picoto do Vasco ocupa o ponto mais elevado do outeiro com aquela designação, sobranceiro ao vale de Pendilhe; topograficamente impõe-se na paisagem, quer pela sua própria implantação, quer pela volumetria do *tumulus*, contrastando com a Orca de Pendilhe, que lhe é próxima — disposição central em bacia depressionária e, conseqüentemente, visibilidade localizada.

Trata-se de um dólmen de dimensões médias, de câmara poligonal, de oito esteios, com vestíbulo de acesso; no prolongamento deste desenvolve-se uma ampla passagem — corredor intratumular —, culminando num pequeno espaço, já na periferia do *tumulus* — átrio.

Alguns esteios da câmara revelaram pinturas e gravuras. O espólio foi recolhido na câmara, sobretudo micrólitos e fragmentos de lâminas, e no átrio — fragmentos de dois vasos cerâmicos, um dos quais com decoração simbólica, lâminas, etc.

O *tumulus*, envolvendo a construção dolménica, é inteiramente feito em pedra; trata-se de um “cairn”. O encerramento do monumento, em momento não distante do da sua construção, foi também feito com pedras, de granito, embora de dimensões menores e distinto estado de conservação. Esta construção, envolvendo algumas toneladas de material lítico, regularizava completamente a superfície externa do *tumulus*, “escondendo o seu conteúdo.

Em torno do dólmen foi identificada uma massa de material lítico, com textura vitrificada e vesicular, e natureza siliciosa, pesando entre 3 e 10 toneladas; tratar-se-á do granito local utilizado na construção do *tumulus*, sobre o qual se exerceu forte e intensa acção térmica (> 1200°C), gerando massas aglomeradas, por vezes com mais de 1 m³; decorre investigação complementar quanto à natureza, idade e funcionalidade desta massa vitrificada.

As primeiras datações radiocarbónicas permitem situar os momentos de construção, utilização primária e condenação do sepulcro entre 4000 e 3800 a.C.

Escavações de D. J. Cruz (1994-1995).

(D. J. C.)

Orca dos Juncais

Queiriga, Vila Nova de Paiva, Viseu

Monumento megalítico.

Neolítico Final (com reutilizações).

Leisner, 1934; Shee Twohig, 1981; Cruz, 1993a.

Em exposição: 2 painéis com pinturas.

Monumento megalítico de grandes dimensões, envolvido por um *tumulus* construído em terra e pedras, de planta ovalada, com o seu eixo maior orientado segundo a direcção E-O, medindo cerca de 30 metros de comprimento, e o eixo menor, no sentido oposto, cerca de 20 metros. O dólmen é constituído por câmara, de planta poligonal, formada por nove esteios — medindo 3 m de largura máxima, 3 m de comprimento e entre 2,40 m e 2,90 m de altura —, e corredor, longo, diferenciado em planta e alçado, medindo 7,40 m de comprimento. À entrada do corredor é ainda possível identificarem-se diversas estruturas relacionáveis, entre outras, com o “átrio” e a “estrutura de condenação” deste espaço.

A ambiência natural é a de uma ampla bacia depressionária, de solos pobres ou inexistentes, actualmente com esparsa vegetação arbórea e arbustiva, proporcionando ao conjunto tumular significativo destaque, ainda que localizado.

O monumento é bibliograficamente conhecido desde finais do século passado, altura em que é escavado por J. Leite de Vasconcellos, resultando na recolha de numeroso e importante espólio cerâmico e lítico (Senna Martinez, 1989), actualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia, e na identificação de motivos pictóricos em alguns esteios. Estes serão estudados, com levantamentos rigorosos, por G. Leisner (1934) e E. Shee (1981). Em 1988 e 1989, correspondendo a uma solicitação da Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva, é reescavado, mais no sentido da sua limpeza e valorização. Estes últimos trabalhos arqueológicos forneceram ainda algum espólio, de que se destaca um conjunto de pontas de seta, de fino acabamento.

À parte o espólio, a Orca dos Juncais salienta-se pelas pinturas dos seus esteios, nomeadamente da laje de cabeceira, com um motivo central — “pele esticada” —, encimado por dois cervídeos de primorosas armações, bem como do primeiro esteio do lado sul, com um motivo central, esquemático, em torno do qual se desenvolve uma “cena de caça”; o corredor apresentava, pelo menos, um esteio com pinturas, à entrada, representando dois antropomorfos, cujo fragmento está actualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

(D. J. C.)

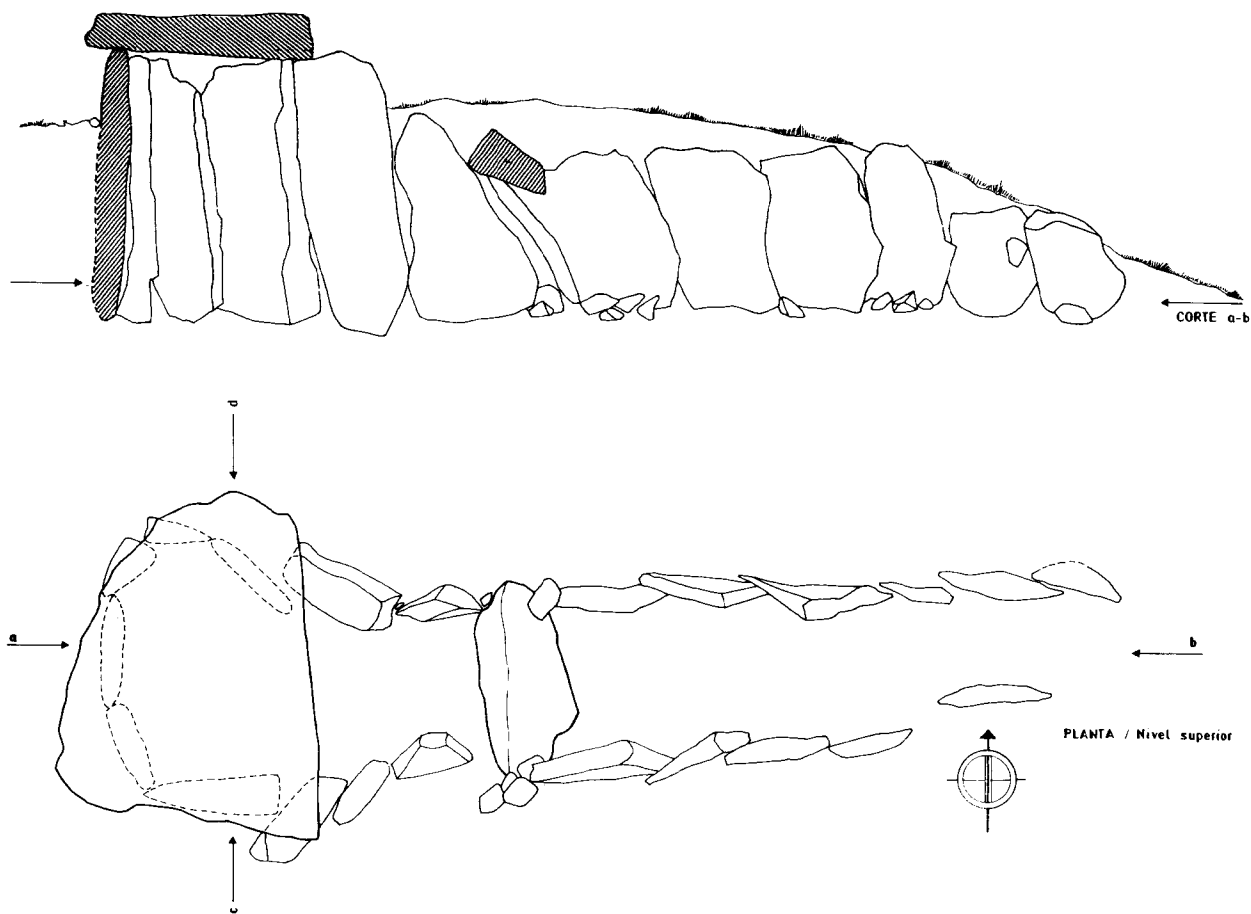


Fig. 8 — Planta (ao nível do topo) e alçado do dólmen de Juncais.

Orca dos Moinhos de Rua

Alhais, Vila Nova de Paiva, Viseu.

Monumento megalítico.

Neolítico Final (com reutilizações).

Investigação em curso.

Em exposição: 1 vaso troncocónico.

A “Casa da Moura”, também conhecida por “Orca dos Moinhos de Rua” situa-se na freguesia de Alhais, concelho de Vila Nova de Paiva, em chã ampla, na margem direita do rio Paiva, de que dista cerca de 150 m, a sul da povoação de Alhais. O acesso faz-se pela estrada municipal Vila Nova de Paiva/Alhais (n.º 1183) e, desta povoação, pelo estrada que conduz a Casfreses (n.º 1393-1).

O monumento foi escavado por V. Leisner e L. Ribeiro, na década de 60. Presentemente, está reduzido ao esqueleto megalítico. De facto, os vestígios da mamoa e do contraforte são muito ténues, ou inexistentes, elementos construtivos que certamente foram destruídos ao longo dos anos pelo aproveitamento exaustivo da terra; será, aliás, de dizer, que o monumento até há pouco tempo estava integrado numa propriedade agrícola.

A escavação arqueológica permitiu a definição do contexto dos diferentes elementos pétreos que constituíam o dólmen, a avaliação do seu estado de conservação, bem como as suas características: câmara, de planta poligonal larga, constituída por 4 esteios, no lado sul, e dois outros formando a cabeceira; os esteios do lado norte não foram localizados; o primeiro esteio do lado sul tem a forma de pilar; a câmara mediria cerca de 3,20 m de comprimento, 3,60/3,80 m de largura e 2,80 m de altura; a área da cabeceira é formada por uma grande laje e um esteio em forma de pilar, este último, fragmentado ao nível da base; o corredor, diferenciado da câmara, em planta e em alçado, medindo, pelo menos, 3,80 m de comprimento; no lado sul apenas se localizou um esteio, *in situ*, junto à entrada da câmara, medindo 1,80 m de altura, embora tenha sido possível definir os buracos de assentamento, abertos na alterite granítica de, pelo menos, 3 esteios, no lado sul, e 4 no lado norte.

A escavação da câmara até à base revelou, por outro lado, que se encontrava profundamente revolvida e que as diferentes peças que a constituíam tinham sido originalmente colocadas em buracos abertos no saibro para esse efeito, por vezes com a utilização de calços. A sondagem desenvolvida no exterior do esteio n.º 3 (sector sul) pôs a descoberto os vestígios do sistema de contrafortagem dos esteios da câmara.

Apesar do estado de conservação em que o monumento se encontrava, forneceu ainda algum espólio, lítico e cerâmico, quer da fase da construção e utilização primária, quer da sua reutilização, já no Calcolítico final/inícios da Idade do Bronze.

Escavações de D. J. Cruz (1994), inéditas.

(D. J. C.)

Orca da Pedralta

Cota, Viseu, Viseu

Monumento megalítico.

Neolítico Final (com reutilizações).

Investigação em curso.

Coelho, 1924; Leisner, 1934; Shee Twohig, 1981.

Em exposição: 2 painéis com pinturas.

Monumento megalítico, localizado no sítio de Antas, freg. de Cota, conc. de Viseu. Foi escavado, em 1921, por J. Coelho (1924). As pinturas de alguns dos seus esteios foram publicadas por A. Mendes Corrêa (1924, 1928, 1931, 1933) e G. Leisner (1934).

O dólmen é constituído por câmara, construída com 10 esteios, e corredor de acesso, extenso; o *tumulus* medirá cerca de 24 m de diâmetro. O espólio, datável da fase inicial de funcionamento do sepulcro e de

reutilizações mais tardias, enquadráveis no Calcolítico final/inícios da Idade do Bronze, integra vasos cerâmicos, nomeadamente troncocónicos, um machado de pedra polida, uma goiva, uma lâmina de sílex, uma ponta de seta, seixos rolados, etc.; destaca-se uma pedra-de-mó, insculturada, de pequenas dimensões, lembrando uma outra, recolhida na Orca Grande (Moimenta da Beira, Viseu), com o rebordo trabalhado, para além de ossos humanos, estes últimos em curso de investigação.

Alguns dos esteios da câmara apresentavam pinturas, a vermelho e, secundariamente, a preto; dois dos esteios (C1 e C2) foram extraídos por A. Mendes Corrêa, cujos fragmentos estão actualmente depositados no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Num dos exemplares (em vários fragmentos), predominam os motivos ramiformes, enquadrados por triângulos com disposição vertical, num outro, uma composição complexa, à base de motivos geométricos, organizados segundo três bandas horizontais.

Levantamento das pinturas de A. Fernando Barbosa.

(D. J. C.)

Orca de Merouços (ou de “Vale de Cadela”)

Touro, Vila Nova de Paiva, Viseu.

Monumento megalítico.

Neolítico Final.

Investigação em curso.

Em exposição: 2 vistas axonométricas.

Monumento megalítico de dimensões médias, localizado na Serra da Nave, no rebordo de uma ampla depressão. O *tumulus* é expressivo, prestando ao conjunto significativo destaque no ambiente geográfico. Situa-se a SE da povoação do Vidoinho, freg. de Touro, concelho de V. N. de Paiva.

O monumento é referenciado pela primeira vez por A. A. Mendes Corrêa, nos anos trinta, e mais tarde inventariado por G. e V. Leisner. Ambos nos deixaram apontamentos de campo. Presentemente, decorrem trabalhos de escavação, no âmbito de um projecto de investigação sobre o megalitismo do Alto Paiva.

Trata-se de um *tumulus*, de planta ovalada, medindo aproximadamente 24 e 20 metros de eixos maior e menor, encerrando na sua parte central um dólmen de corredor. À entrada deste desenvolvem-se amplas e complexas estruturas de pedra, relacionáveis com o acesso, funcionamento e encerramento do sepulcro.

Escavações de D. J. Cruz, em curso.

(D. J. C.)

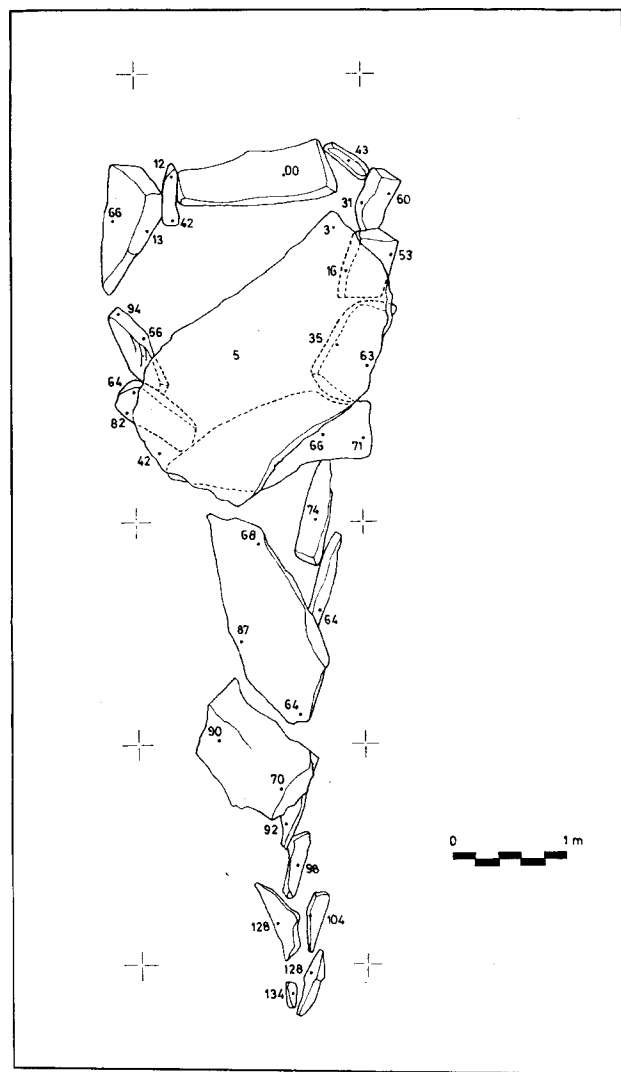


Fig. 9 — Planta da Orca de Merouços, antes dos trabalhos de escavação.

Dólmen de Antelas

Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu.

Monumento megalítico.

Neolítico Final.

Investigação em curso.

Castro, Ferreira e Viana, 1957; Castro, 1966; Cruz, 1995b.

Em exposição: 3 lâminas em sílex; 1 machado em anfíbolito; 1 pequeno recipiente liso; 8 painéis com pinturas e gravuras.

O Dólmen de Antelas situa-se na freguesia de Pinheiro de Lafões, concelho de Oliveira de Frades, distrito de Viseu. É monumento nacional (1990). Foi alvo, nos últimos anos (1993-95), de trabalhos de escavação arqueológica, consolidação e restauro, no âmbito de um projecto promovido pelo Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico, Câmara Municipal de Oliveira de Frades e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

O dólmen é constituído por uma câmara funerária, definida por oito esteios, de granito, com cerca de 2,5 m de altura, e um corredor ortostático, diferenciado da câmara, em altura e em planta, abrindo-se aproximadamente a nascente. Envolvendo a construção propriamente megalítica desenvolvia-se um contraforte, construído com lajes de dimensões médias, ao qual se adossava uma mamoa de terra, superficialmente protegida por pedras.

Estas estruturas interrompiam-se a nascente, formando, por um lado, um passagem estreita, não coberta — corredor intratumular —, resultante do prolongamento do contraforte para esta área do monumento, e um espaço de circulação e acesso — átrio —, de planta ovalada, perifericamente delimitada por uma cintura de pedras.

Este último constituirá, certamente, o centro das cerimónias funerário-religiosas que decorreriam no exterior do dólmen propriamente dito. De facto, aqui se recolheram, *in situ*, objectos líticos — lâminas de sílex —, correspondendo a oferendas ou depósitos com sentido votivo.

A larga divulgação do dólmen de Antelas entre um público especializado é resultado, sobretudo, das pinturas que ostenta na superfície dos seus esteios, a vermelho e a preto, por vezes associadas a gravuras. As pinturas encontravam-se enterradas, tendo sido expostas pela primeira vez em 1956 através de escavações arqueológicas desenvolvidas por L. Albuquerque e Castro, O. da Veiga Ferreira e A. Viana, sendo logo depois soterradas, o que permitiu a sua conservação.

Os recentes trabalhos arqueológicos, seguidos de medidas de protecção, permitiram a sua observação e a realização de novos estudos, nomeadamente o levantamento das pinturas e gravuras, análise química dos pigmentos, etc.

Neste âmbito destaca-se a datação pelo processo de Carbono 14 de material orgânico (madeira carbonizada) contido no “pigmento” preto das pinturas, permitindo situá-las entre 3625 e 3140 cal. AC. A construção do dólmen terá ocorrido um pouco antes, algures (ou mesmo com posterioridade), entre 4000 e 3700 a.C., como parecem indicar outras cinco datações de amostras de madeira carbonizada recolhidas nos sedimentos existentes no átrio, enquadrando-se, genericamente, no período de apogeu do megalitismo na Beira Alta.

As pinturas e, secundariamente, as gravuras de Antelas distribuem-se por cada um dos esteios da câmara funerária, funcionando como autênticos painéis. Estão ausentes do corredor. Trata-se de uma arte à base de figurações geométricas e esquemáticas, por vezes em composição, inserta num espaço fechado, não iluminado, reservado. É uma iconografia de carácter enigmático, acessível a apenas alguns membros da comunidade, passível de múltiplas “leituras”, de acordo com as circunstâncias de cada momento.

O dólmen de Antelas, guardião de relíquias, centro cerimonial aglutinador dos esforços e interesses da sociedade — tal como a generalidade dos monumentos megalíticos, particularmente os de grandes dimensões —, constituiu-se como um autêntico sepulcro-templo. O próprio encerramento do sepulcro é também motivo de grandes cuidados, com a implantação de uma estrutura de terra e pedras nos espaços que permitiam o acesso ao dólmen — estrutura de condenação —, associada à deposição de objectos — pequeno vaso, machado de pedra polida —, colmatando-o completamente. Tratar-se-á de uma última e simbólica cerimónia, selando-o para a Posteridade!

Antelas integra-se neste contexto. O “edifício” megalítico, centro cerimonial, implicando a participação de “oficiantes” e da totalidade da comunidade a que estava ligado, apontará no sentido de sociedades com um comportamento formalizado, centradas no culto dos mortos e dos ancestrais, certamente orientadas por princípios de ordem “religiosa”.

Escavações de D. J. Cruz, inéditas.

Levantamento das pinturas de A. Fernando Barbosa.

(D. J. C.)

Datações radiocarbônicas do Dólmen de Antelas

N.º	Lab.	Datação	Calibração						
			Intercepção	Stuiver & Pearson, 1993)					
				Método A		Método B			
				1 sigma	2 sigma	1 sigma	%	2 sigma	%
1	OxA-5496	5330±60	4222; 4192; 4156	4244-4043	4332-3989	4238-4211 4208-4078 4060-4045	15 78 7	4324-4280 4264-4032 4026-3997	8 87 5
2	OxA-5497	5295±60	4215; 4203; 4138; 4123; 4084; 4051; 4050	4228-3999	4318-3975	4224-4189 4159-4038 4014-4007	21 74 4	4313-4302 4252-3979	1 99
3	OxA-5498	5070±65	3934; 3870; 3813	3960-3784	3986-3704	3948-3894 3887-3798	37 63	3978-3751 3748-3714	95 5
4	OxA-5433	4655±60	3492; 3470; 3373	3507-3354	3625-3141	3509-3398 3388-3352	77 23	3628-3562 3543-3309 3226-3186 3159-3126	10 85 3 2
5	GrA-5417	5120±50	3954	3974-3812	4031-3790	3976-3931 3874-3809	43 57	4030-4029 3994-3791	0 100
6	GrA-5418	5090±50	3942; 3845; 3824	3962-3799	3982-3776	3955-3910 3877-3807	38 62	3977-3782	100

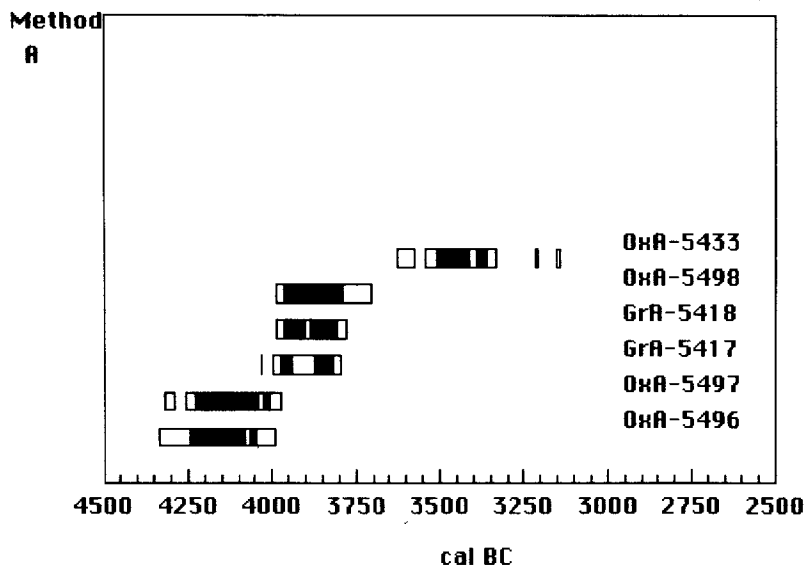


Fig. 10 — Representação gráfica das datações convencionais calibradas do Dólmen de Antelas. Método A. (Período convencional “Libby” de 5568 anos e intervalos de confiança de ± 1 sigma (68,26%) e ± 2 sigma (95,46%). Na calibração utilizou-se o *Radiocarbon Calibration Program* do Quaternary Isotope Laboratory da Universidade de Washington, versão 3.0.3c, com curva de 20 anos (Stuiver, M. & Reimer, P. J., 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230) e as curvas de M. Stuiver & G. W. Pearson, 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 1-23.

Arquinha da Moura

Lajeosa do Dão, Tondela, Viseu.

Monumento megalítico.

Neolítico Final (com reutilizações).

Investigação em curso.

Cunha, 1993; 1994; 1995; Silva, 1995.

Em exposição: 6 recipientes cerâmicos; 2 trapézios em sílex e quartzo; 1 núcleo em quartzo hialino; 4 pontas de seta em sílex e quartzo; 2 facas em sílex; 2 machados de pedra polida.

A Anta da Arquinha da Moura é um monumento megalítico, em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público, situado na freguesia da Lajeosa do Dão, concelho de Tondela.

Manteve-se inédito até princípios de 1990, embora alguns elementos da população local, nomeadamente caçadores, conhecessem a sua localização e, eventualmente, o tivessem utilizado como abrigo, do que é prova evidente a existência de restos de fogueiras no seu interior e a abundante fuligem nos esteios, que destruiu parte das pinturas.

As escavações efectuadas entre 1991 e 1993 tiveram como finalidade o seu estudo e recuperação e posterior aproveitamento como pólo de interesse turístico/cultural.

Os primeiros trabalhos realizados em 1991 permitiram verificar que o monumento se encontrava em muito bom estado de conservação, tendo apenas sido violado pela zona do corredor, provocando a sua destruição parcial.

Esta violação deve ter ocorrido há muito tempo, uma vez que o corredor se apresentava completamente obstruído pelos sedimentos, não sendo visível, mesmo depois da limpeza da vegetação superficial, a sua localização.

A arquitectura do monumento é relativamente simples. O *tumulus*, de forma elíptica, mede cerca de 25 m no sentido E/O e 20 m no sentido N/S. Não tem carapaça pétreo. A sua altura total, até ao cimo da laje de cobertura, é de 3 m.

A câmara, de forma poligonal, é constituída por sete esteios de granito de grão grosseiro a médio e laje de cobertura, fracturada na extremidade E, pela queda de um pinheiro. O corredor, de tamanho médio, é formado por cinco esteios de cada lado, faltando-lhe o segundo do lado N, em consequência das violações a que foi sujeito. Das lajes de cobertura do corredor só uma se encontrava mais ou menos *in situ*. Outras duas foram recuperadas durante a escavação. A entrada da câmara era ladeada por dois pilares, dos quais só se mantém o do lado norte.

Tanto a câmara como o corredor, bem diferenciados em planta e alçado, estão rodeados por um potente contraforte em pedras de tamanho médio.

A importância deste monumento deve-se ao facto não só das suas características tipológicas o integrem num grupo de monumentos bem representado na região da Beira Alta, mas principalmente pela existência de pinturas, ainda em razoável estado de conservação, em dois esteios da câmara, e pela abundância de espólio recolhido durante as escavações, incluindo ossadas.

Este espólio é constituído, no seu conjunto, por grandes lâminas em sílex, cerca de trezentos geométricos (na sua grande maioria trapézios de tipologia variada), cerca de quatrocentas pontas de seta (também de tipologia variada), cerca de oitenta utensílios de pedra polida (a maioria dos quais machados), três ou quatro foices em sílex, dezena e meia de vasos inteiros, dos quais só um tem decoração, centenas de fragmentos de cerâmica lisa e alguma decorada, numerosas contas de colar, a maioria das quais em variscite, havendo, no entanto, cerca de meia dúzia em azeviche, cerca de duas dúzias em xisto e uma em osso, um pendente triangular com perfuração perto da base menor, uma peça em variscite em forma de calote elíptica com cerca de 1,5 cm de eixo maior, com perfuração em cada extremidade.

Outra das características que torna este monumento tão importante é o facto de apresentar pinturas bem visíveis em dois esteios da câmara e vestígios noutros dois. Nos esteios do corredor não se detectaram vestígios de pinturas.

Os esteios com pinturas são o segundo do lado sul e o quarto (esteio de cabeceira). Neste ainda são visíveis restos de pasta branca.

As pinturas são quase exclusivamente a vermelho (em duas tonalidades) havendo, no entanto, a registar uma figura longilínea, a preto, sobre o braço direito da figura central do segundo esteio.

Podemos integrar as pinturas da Arquinha da Moura, no que respeita a técnicas, motivos e estilos, no chamado “grupo de Viseu”, segundo tipologia elaborada por E. Shee Twohig (1981), faltando-lhe, no entanto, alguns elementos.

Aqui os motivos são essencialmente figurativos, com especial relevância para a figura humana, quer no esteio de cabeceira, onde esta se encontra aos pares, quer no esteio dois onde uma grande figura antropomórfica ocupa a parte central, dominando a composição e “protegendo” com os seus braços flectidos em ângulo recto três figuras humanas, uma do lado esquerdo e duas do lado direito do observador. No esteio de cabeceira, além dos antropomorfos, também se podem ver figuras de animais.

No final dos trabalhos de escavação, este monumento foi devidamente protegido, mas apenas a título provisório, uma vez que é necessário fazer a consolidação dos granitos que se encontram muito deteriorados, estando mesmo em desagregação, em alguns esteios do corredor.

Presentemente, está a ser elaborado um projecto de protecção definitiva e valorização deste monumento, que deverá começar a ser executado no próximo ano.

(A. L. C.)

Estátua-menir do Alto da Escrita

Vale de Figueira, Tabuaço, Viseu.

Monólito de forma sub-rectangular com 1,62 m de altura.

Entre os motivos gravados conta-se um cinturão, colares, armas, etc.

Calcolítico Final/Bronze Inicial.

Investigação em curso.

Esta estátua-menir foi descoberta em Julho de 1997 e no âmbito dos trabalhos desenvolvidos pela empresa ARQUEOHOJE, Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a (Viseu), no sítio do “Alto da Escrita”, encontrando-se então reaproveitada num muro que delimitava um caminho carreteiro e desinserida de um contexto arqueológico preciso.

Administrativamente, pertence à freguesia de Vale de Figueira, concelho de Tabuaço, distrito de Viseu.

O achado ainda recente desta peça não permite o seu estudo profundo, que se prevê para breve. As considerações são, deste modo, provisórias e resultam de uma análise preliminar da peça.

Estátua-menir de forma sub-rectangular com o comprimento máximo de 162 cm. Apresenta de largura no topo 42 cm, no meio 43 cm e na base 41 cm. A espessura varia entre os 9 cm no topo, os 18 cm na zona mesial e os 13 cm na base. A secção é rectangular.

Trata-se de uma interessante peça com as faces alisadas por picotagem onde se podem distinguir duas técnicas distintas na realização dos motivos: por picotagem regularizados por abrasão e por riscagem.

A face anterior apresenta, no topo, uma série de cinco colares, dispostos em linhas concêntricas. A meio da peça foi gravado um cinturão — 14 cm de largura média — com uma fiada central de 14 pontos distantes entre si cerca de 2 cm. Este cinturão dá a volta à peça, apresentando-se muito gasto na face posterior.

Esta apresenta múltiplos traços finos — alguns dos quais pouco visíveis —, cujos motivos só se poderão determinar após um levantamento exaustivo, destacando-se, desde já, várias armas (alabardas?).

Nas faces laterais encontram-se igualmente alguns motivos gravados, com especial destaque para as armas (alabardas?) e um pequeno “espelho”.

A análise sumária desta estátua-menir sugere-nos uma aproximação cronológico-cultural com os exemplares do Cabeço da Mina (Vila Flor) havendo igualmente alguns argumentos que nos lembram a estela de Longroiva (Meda). Talvez se possa, assim, integrar esta peça num período que medeia o Calcolítico Final e o Bronze Antigo. Contudo, não é fácil a inserção cronológico-cultural das estátuas-menires. Como escreve M. Baptista, “Não há, porém, no NW Peninsular um ar de ‘família’ evidente nas estátuas-menires conhecidas, que facilite a sua clara integração e ordenação cronológica” (Baptista, 1995: 27).

(J. P. A. F., P. S. C., L. F. C. G. e J. M. A. P.)

Pedra Escrita de Serrazes

(molde das gravuras)

Serrazes, S. Pedro do Sul, Viseu.

Monólito em granito, de forma subtruncocónica, com cerca de 2,40 m de altura por 2 m de largura máxima. Gravuras de círculos concêntricos, “cavinhas” e reticulados.

Estação de Arte Rupestre.

Idade do Bronze.

Instituto Português do Património Arquitectónico — Direcção Regional de Coimbra.

Seglie e Ricchiardi, 1979-1980.

A Pedra Escrita de Serrazes é uma estação de arte rupestre classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1946.

Encontra-se situada no Pinhal da Pedra Escrita, freguesia de Serrazes, concelho de S. Pedro do Sul, distrito de Viseu.

Trata-se de um monólito em granito de grão fino, de forma tronco cónica, com a parte superior arredondada. A face anterior, virada a este, é subvertical e plana e foi obtida através do seccionamento da rocha por um plano de talhe desde a parte superior até à base. A face posterior, virada a oeste, é convexa.

A face anterior foi previamente alisada por abrasão, para receber as gravuras, cujos temas principais são os círculos concêntricos, as linhas horizontais e verticais e os reticulados que, no seu conjunto, formam uma composição ordenada. Embora actualmente nos escape o seu significado original, que se foi perdendo ao longo dos tempos, para o(s) seu(s) artífice(s) e para as populações da época, este seria certamente compreensível, estando relacionado com as suas crenças religiosas.

Em princípio, consideramos que os locais com arte rupestre pré-histórica seriam lugares de culto.

É interessante constatar que alguns habitantes da região ainda chamam à Pedra Escrita de Serrazes a “Pedra do Sol”.

Apesar de os temas insculpidos nesta rocha (círculos concêntricos, linhas e reticulados) serem bastante frequentes na arte rupestre da Pré-história recente, é muito rara a sua associação nos moldes em que aparece na Pedra Escrita. No entanto, julgamos ser concensual a sua inclusão cronológica na Idade do Bronze.

Em Portugal só conhecemos um exemplar semelhante. Trata-se da “Pedra Partida” de Ardegães, Águas Santas que, desde 1961, pertence à colecção do Museu de História Natural/Antropologia, da Faculdade de Ciências da U. P. (para onde foi removida), encontrando-se exposta no átrio da referida Faculdade.

(A. L. C.)

Monumento 3 da Casinha Derribada

Mundão, Viseu, Viseu.

Tumulus com fossa rectangular e laje servindo de tampa.

Inícios do Bronze Final.

Investigação em curso.

Em exposição: 2 taças carenadas; 2 recipientes com colo.

O Monumento 3 da “Casinha Derribada” integra um grupo de cinco *tumuli*, externamente semelhantes mas evidenciando certa diversidade quanto às estruturas que encerram, dimensões, espólio, ritual, etc. Trata-se de pequenos *tumuli*, de planta circular, volumetricamente pouco relevados no terreno, cobertos superficialmente por uma estrutura de pedras, predominantemente blocos de quartzo. O conjunto ocupa a cumeada do relevo localmente designado “Monte Branco” ou “Penedos Brancos”, na proximidade do vértice geodésico da “Casinha Derribada”. O monumento 4, escavado em 1993, situa-se a cerca de 8 metros do monumento 3 (medidos a partir dos pontos centrais de cada um dos monumentos); os restantes, um pouco mais distantes.

O monumento 3 da “Casinha Derribada” apresentava-se intacto; era formado por uma fossa, de planta rectangular, aberta no substrato, medindo 0,60 m de comprimento, 0,40 m de largura e 0,24/26 m de pro-

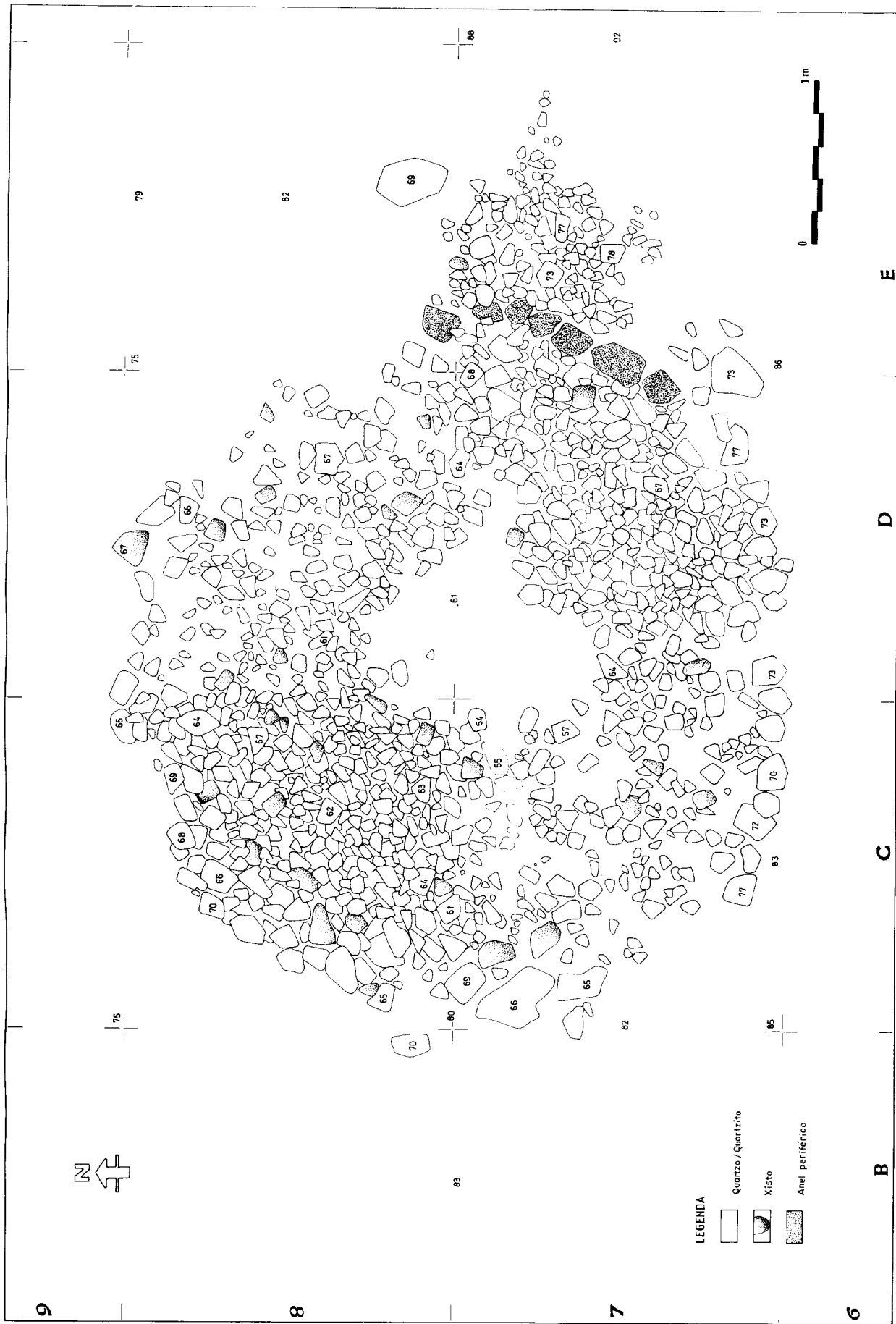


Fig. 11 — Planta do monumento 3.

fundidade; no seu interior foram colocados quatro vasos cerâmicos; não se identificaram quaisquer vestígios orgânicos, a não ser um pequeno fragmento de carvão de madeira; o encerramento da fossa foi feito com grande laje, de granito, medindo 0,70 m de comprimento e 0,65 m de largura, insculturada, sobre e em torno da qual foi colocada pequena quantidade de terra e as pedras que constituem o *tumulus*, perfazendo cerca de 4 metros de diâmetro. Sobre a laje de fecho e nas terras adjacentes recolheram-se numerosas amostras de madeira carbonizada. Admite-se a realização de uma fogueira, de carácter ritual, após o encerramento da fossa, directamente sobre a laje de cobertura.

As análises radiocarbónicas entretanto realizadas, feitas sobre carvão de madeira, permitem definir o período de utilização desta estrutura, que se situará, com elevada probabilidade, entre c. 1400 e 1200 a.C. Estes parâmetros cronológicos são, certamente, extensíveis ao monumento 4, que lhe é muito próximo, para além da sua similitude externa. Estes aspectos, associados à diversidade interna mostrada pelas construções, espólio, etc., apontarão para actos do mesmo cerimonial repartidos por diferentes construções.

Escavações de D. J. Cruz, L. F. C. Gomes e P. M. S. Carvalho, 1992.

(D. J. C.)

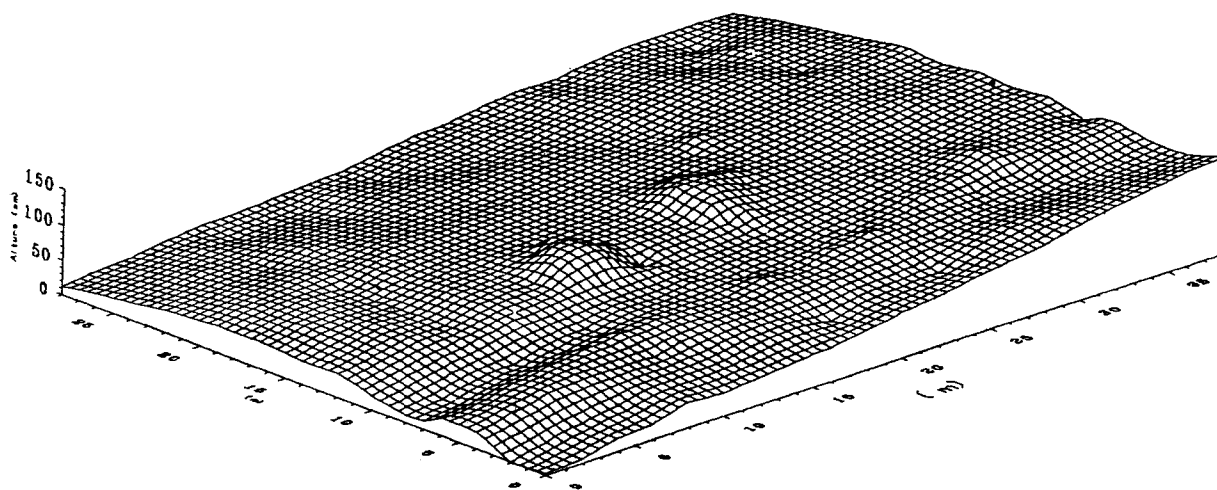


Fig. 12 — Vista axonométrica dos monumentos 3 e 4 da “Casinha Derribada”

Necrópole do Paranho

Molelos, Tondela, Viseu.

Necrópole de incineração.

Seis cistas de pedra inseridas em recinto subcircular definido por pedras fincadas.

Bronze Final.

“Colecção Arqueológica Dr. José Coelho”, Câmara Municipal de Viseu.

Coelho, 1925; Cruz, 1997; Silva e Cunha, 1997; Figueiral, 1997.

Em exposição: 2 potes; 1 bracelete em bronze.

Em 1917, José Coelho, erudito e estudioso das antiguidades viseenses, escavou no “Paranho” (conc. de Tondela, Viseu), uma estrutura funerária de carácter colectivo. Um recinto de pedras fincadas delimitava a área onde foram implantadas seis cistas de pedra, de pequenas dimensões, em cada uma das quais foram depositados restos humanos previamente cremados, umas vezes em vasos cerâmicos utilizados como urnas cinerárias, outras, directamente nas cistas. Recentemente, no âmbito de um projecto de investigação patrocinado pelo Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, fez-se o reestudo dos resultados desse antigo trabalho de escavação, utilizando-se a documentação guardada no acervo da colecção daquele investigador.

Trata-se de um pequeno cemitério, de ritual crematório, datável dos séculos XII/XI a.C. O espólio é parco, resumindo-se aos vasos, que contêm os restos mortuários, e objectos pessoais cremados conjuntamente com o corpo, de que se destaca um bracelete em bronze.

A situação topográfica do sítio, a dimensão do conjunto sepulcral, a uniformidade do conteúdo de cada uma das cistas, a utilização no recinto lítico de duas pedras que poderão ter servido como pedras-de-mó, permitem relacioná-lo com uma pequena exploração agrícola, de carácter familiar, eventualmente, também, aproveitando alguns recursos minerais, como o estanho, abundante nas proximidades.

A cultura material denota contactos com outras comunidades. Admite-se que este, e outros casais, se integrassem numa ampla rede de relações e, directa ou indirectamente, com os povoados conhecidos na região, cuja implantação no terreno é diversa, como também, quantitativa e qualitativamente, a cultura material.

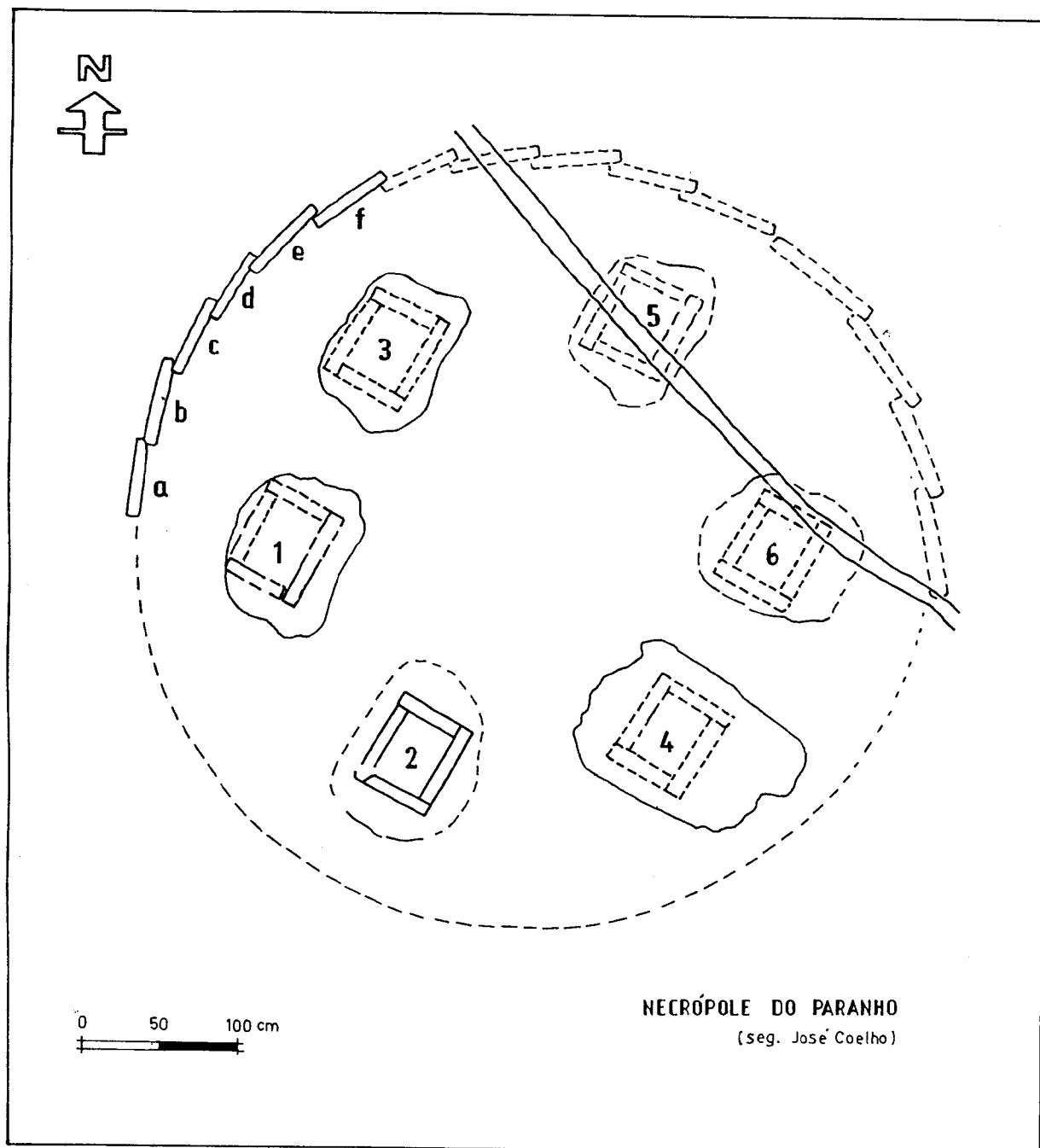
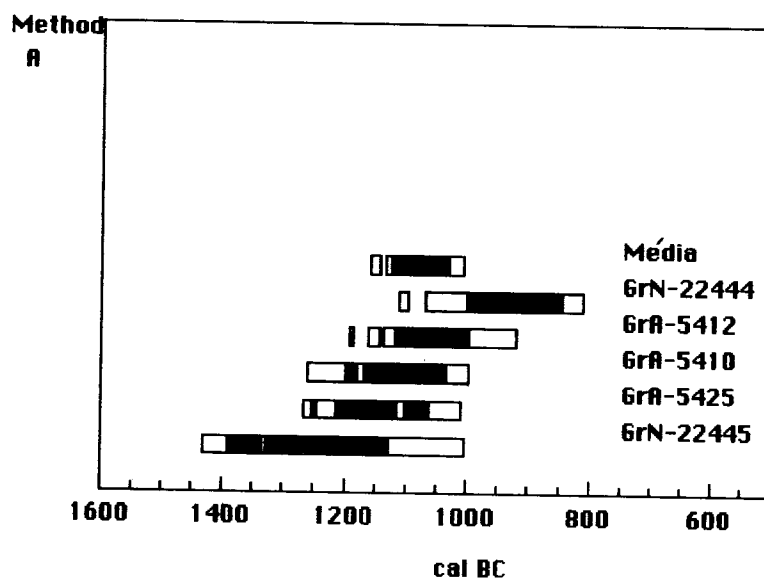


Fig. 13 — Planta da necrópole do Paranho.

O ritual crematório não é muito comum na região da Beira Alta, ainda que os resultados de investigações recentes apontem em sentido diferente. Admite-se que a sua adopção mais alargada, nos finais da Idade do Bronze, tenha resultado de contactos e influências no âmbito dos “campos de urnas”, cuja cronologia no Nordeste Peninsular remonta à 2.^a metade do II milénio a.C.

(D. J. C.)

Fig. 14 -- Representação gráfica das datações convencionais calibradas da necrópole de Paranho. Método A. (Período convencional “Libby” de 5568 anos e intervalos de confiança de ± 1 sigma (68,26%) e ± 2 sigma (95,46%). Na calibração utilizou-se o *Radiocarbon Calibration Program* do Quaternary Isotope Laboratory da Universidade de Washington, versão 3.0.3c, com curva de 20 anos (Stuiver, M. & Reimer, P. J., 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230) e as curvas de G. W. Pearson & M. Stuiver, 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 25-33.



Castro Daire

Mões, Castro Daire, Viseu.

Achado avulso.

Encontrado casualmente junto de um penedo nos limites do lugar de Vila Boa.

Bronze Final.

Museu de História Natural/Antropologia, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Teixeira, 1939.

Em exposição: 1 molde bivalve de bronze para machados de talão, bifaces e de duplo anel.

Santa Luzia

Abraveses e Campo, Viseu, Viseu.

Povoado de altura fortificado.

Bronze Final e Idade do Ferro.

Investigação em curso.

Pedro, 1995.

Em exposição: 1 fragmento de pote com asa; 1 tacinha carenada; 14 fragmentos de cerâmica pontilhada e de “tipo Baiões/Santa Luzia”; 1 escopro em bronze; 1 foice de alvado; 1 arame; 1 ponteira em bronze; 2 alfinetes em bronze; 2 argolas em bronze; 1 pendente em bronze; vários fragmentos de fíbulas.

O Monte de Santa Luzia, onde se implantou um povoado fortificado nos finais da Idade do Bronze, localiza-se a cerca de cinco quilómetros de Viseu, no limite das freguesias de Abraveses e Campo, concelho de Viseu, a 633 metros de altitude.

Trata-se de um enorme afloramento quartzítico, onde se procedeu à exploração do quartzo durante várias décadas. De difícil acesso, com declive acentuado por todos os lados, excepto a noroeste, encontra-se bem servido por duas linhas de água, as ribeiras de Mide e Quintela. Visualmente, domina uma vasta área em seu redor, pelo que a sua situação estratégica é óptima. Dali se avistam os povoados contemporâneos da Senhora do Crasto (Orgens, Viseu), Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul), Senhora do Castelo de Mangualde, Três Rios (Parada de Gonta, Tondela), Castelo dos Mouros (Vila Chã de Sá, Viseu) e, mais longe, a Senhora do Bom Sucesso (Chãs de Tavares, Mangualde) e a Cárcoda (Carvalhais, S. Pedro do Sul). Observam-se ainda os povoados de S. Lourenço (Viseu/Castro Daire), Santa Bárbara (Romãs, Sátão) e Pinho (S. Pedro do Sul), cuja ocupação poderá ou não ser contemporânea de Santa Luzia.

Esta simples enunciação mostra bem a posição dominante que este povoado ocupava na região e um extraordinário diagrama de comunicações que os seus ocupantes serviam e de que se serviam.

Uma muralha, bastante rudimentar, rodeava todo o povoado, notando-se ainda, nalguns pontos, vestígios de uma segunda estrutura defensiva. A primeira muralha tinha apenas a face externa cuidada, sendo a parte interna construída com pedras colocadas a esmo. Grande parte da muralha foi destruída pela exploração do quartzo como, aliás, quase toda a área ocupada pelo povoado.

Numa primeira fase, no Bronze Final, o espaço intra-muralhas era provavelmente ocupado por habitações feitas em materiais perecíveis, cabanas feitas de ramos e paus. As análises de Carbono 14 efectuadas com carvões encontrados durante as escavações apontam para uma ocupação entre os séculos XI e VIII a. C. (convencional). Esse terá sido o período de apogeu do povoado, como parece dever concluir-se dos dados recolhidos.

Mais tarde, com a evolução tecnológica, as construções circulares em pedra fizeram a sua aparição. A única estrutura ali descoberta, além da muralha, é exactamente um alicerce de planta redonda, com cerca de sete metros de diâmetro, provavelmente já da Idade do Ferro. Trata-se certamente de um edifício colectivo, pois não é crível que uma simples casa privada ocupasse uma área tão vasta.

Aparecem ainda algumas cerâmicas da Idade do Ferro associadas a este alicerce, o que faz pensar que neste período o castro continuou a ser ocupado sem interrupção de continuidade.

Na época romana, em período impossível de precisar cronologicamente, continuou a verificar-se a ocupação, por um tempo não muito prolongado. Com efeito, o último elemento seguramente datável que ali encontramos é uma moeda de Nerva, segunda metade do séc. I. Seria por esta época que se daria o seu abandono sistemático, apesar de ser possível que ali permanecesse alguma guarnição para vigilância das vias que ali passavam.

Entre 1980 e 1985 o castro foi alvo de cinco campanhas de escavação, sob a responsabilidade de Celso Tavares da Silva, Alberto Correia e João Luís Inês Vaz.

O espólio recolhido é composto por inúmeros fragmentos cerâmicos, um significativo conjunto de objectos de bronze (objectos de adorno pessoal, uma foicinha de alvado, um escopro, etc.), fragmentos de fíbulas, de que se salientam as de duplo enrolamento, sendo uma de ouro e pasta de vidro, e alguns instrumentos líticos. A presença de arames de bronze e de alguns restos de moldes de fundição em arenito leva a concluir que existiria uma indústria metalúrgica local que satisfaria as necessidades do povoado, se é que não havia mesmo exportação.

Nos materiais cerâmicos destaca-se um importante núcleo de cerâmica convencionalmente designada por *Baiões/Santa Luzia*. Trata-se de cerâmicas brunidas, com uma cozedura redutora muito boa, o que dá a esta cerâmica um brilho muito intenso, por vezes quase metálico. A par destas características apresenta uma decoração típica feita à base de incisões pós-cozedura em que predominam os motivos geométricos. Aparecem ainda incisões pós-cozedura, brunidas e pontilhadas. A maior parte das pastas são finas e de cor acastanhada interna em que se notam pequenos grânulos de quartzo, feldspato e finíssimas partículas de mica. São estas características que tornaram esta cerâmica típica conhecida em todo o lado e que, por ter sido reconhecida primeiro em Baiões e logo depois em Santa Luzia se convencionou chamar *cerâmica tipo Baiões/Santa Luzia*.

(J. I. V.)

Molelinhos (*Puzzle juvenil*)

(Concepção do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.
Produção do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.)

Molelos, Tondela, Viseu.

Estação de Arte Rupestre.

Afloramento de xisto com gravuras de armas, utensílios, ziguezagues, ramiformes e reticulados.

Bronze Final e início da II Idade do Ferro.

Cunha, 1991.

A Estação de Arte Rupestre de Molelinhos está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1992.

Situa-se na margem direita do ribeiro do Carvalhal, a cerca de 3 km da aldeia de Molelinhos, freguesia de Molelos, concelho de Tondela.

É composta por seis painéis gravados sobre um imenso afloramento de xisto acinzentado, com cerca de 500 m² de superfície.

O painel 1, que se encontra mais a ocidente da estação, tem uma superfície de cerca de 16 m² (8x2) e é o maior e mais conhecido. Tem centenas de gravuras espalhadas pela sua superfície, executadas com três técnicas diferentes de gravação: incisão e abrasão (gravuras filiformes) e picotagem (esta em muito menor quantidade).

Grande parte das gravuras filiformes representam armas e utensílios (punhais — pelo menos um de antenas, lanças, lâminas afalcatadas, foices e outros) que, pelas suas características tipológicas, permitem fazer a sua inserção cronológica entre o Bronze Final e o início da II Idade do Ferro. São ainda numerosos os motivos em ziguezague, ramiformes, reticulados, etc., além de riscos incisivos, aparentemente feitos ao acaso e que se espalham por toda a superfície, embora haja zonas de maior concentração.

Os outros painéis, de bem menores dimensões, podem incluir-se no mesmo universo cronológico e figurativo, com excepção do painel 4, cujas gravuras são recentes, havendo, no entanto, por baixo destas, vestígios de gravuras antigas.

As estações com gravuras filiformes, como Molelinhos, são raras na Península e pouco conhecidas. Distribuem-se por uma área situada a ocidente da Meseta e que, no nosso país, ocupam manchas de xisto grauváquico de Trás-os-Montes e da Beira.

Em Espanha são conhecidas estações deste tipo na província de Cáceres.

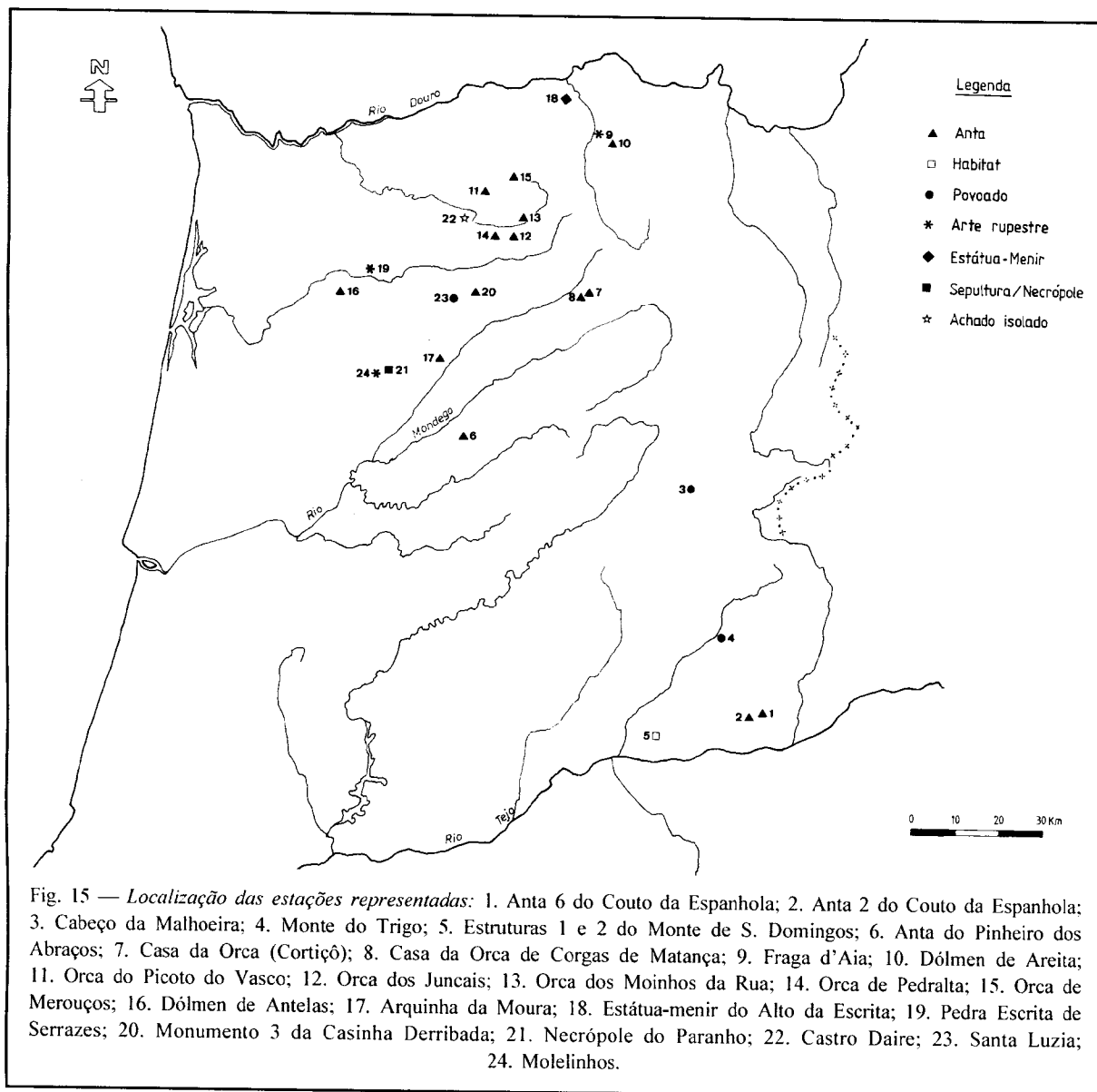
A Fraga dos Fusos, no concelho de Bragança, a Pedra Escrita do Poço da Moura e a Pedra Escrita de Ridevides (Santos Júnior, 1963), no concelho de Vila Flor, são algumas das estações conhecidas e publicadas de Trás-os-Montes.

Na margem esquerda do Douro, na freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa, foi descoberta, em meados de 1982, por uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, a estação do Vale da Casa, composta por vinte e três rochas gravadas, duas delas apenas com motivos modernos. Foram feitos os seus levantamentos, estudo e publicação.

Na Beira, além de Molelinhos, outra estação muito importante, com o mesmo tipo de gravuras, é a da Pedra Letreira, no concelho de Góis. Também está estudada e publicada. É a estação conhecida, com gravuras filiformes, que se situa mais a sul, no nosso país.

A grande quantidade de armas gravadas neste tipo de estações é uma das características tipológicas mais importantes, pois permite fazer o seu enquadramento cronológico com uma aproximação razoável.

(A. L. C.)



BIBLIOGRAFIA

- ABRUNHOSA, M. J.; A. A. Huet B. Gonçalves; Cruz, D. J. (1995), "Ocorrência de rochas vitrificadas no Dólmen do "Picoto do Vasco" (Vila Nova de Paiva, Viseu)". *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, 167-185.
- ALMAGRO, M. (1961), "El deposito del Bronce III Hispano de Cabezo de Araya", *Revista de Estudios Extremeños*, XVII(1), 5-26.
- BAPTISTA, A. M. (1988), "Pintura rupestre pós-glaciar", *Arqueologia*, 17, ficha extra-texto.
- (1995), "A estátua-Menir Feminina da Ermida", in *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia, 27.
- BUENO RAMIREZ, P. (1995), "Megalitismo, estatuas y estelas en España", *Notizie Archeologiche Bergomensi*, 3, Comune di Bergamo, Assessorato alla Cultura Civico Museo Archeologico, 77-129.
- CANINAS, J.; HENRIQUES, F. (1987), "Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa", in *Arqueologia do Vale do Tejo*, Lisboa, IPPC, 24-25.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (1995), "A Anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)", *Estudos Pré-históricos*, 3, 19-37.
- (1997), "Escavação da Anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)", *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu (no prelo).
- CARREIRA, J. R. (1994), "A Pré-história Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior)", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, 47-144.
- CASTRO, L. A. (1966), "L'art mégalithique au Portugal", in *Atti del VI Congresso Internazionale delle Scienze Preistoriche e Protostoriche — Sezioni V-VIII*, 370-374, est. CLXIV.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A. (1957), "O Dólmen Pintado de Antelas (Oliveira de Frades)", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. XXXVIII, Lisboa, 325-346, XI Est.
- COELHO, J. (1924), *Policromia Megalítica*, Viseu, Tipografia Popular, 1924 ["Estudos Pré-históricos", vol. II].
- (1925), *A Necrópole do Paranho*, Viseu, Tipografia Popular ["Estudos Pré-históricos", vol. III].
- CORRÊA, A. A. Mendes (1924), "Pinturas e Insculturas Megalíticas", *Revista de Estudos Históricos*, I (1-2), Porto, 65-66.
- (1928), "A Lusitânia Pré-romana", in *História de Portugal* (dir. de Damião Pares), I, Barcelos, 79-214.
- (1931), "L'Art Préhistorique dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique", in *XVe. Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique. IVe. Séssion de l'Institut International d'Anthropologie*, Paris, Librairie E. Nourry, 4 pp. [Separata].
- (1933), "Les peintures mégalithiques de Côta (Beira Alta)", *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 6 (2), 157-161.
- CRUZ, D. J. (1993a), "A Orca dos Juncas (Queiriga, Vila Nova de Paiva, Viseu)", *Estudos Pré-históricos*, 1, Viseu, 67-81.
- (1993b), "Monumentos megalíticos do concelho de Fornos de Algodres", *Estudos Pré-históricos*, 1, Viseu, 111-112.
- (1995a), "Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta", *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, 81-119.
- (1995b), "Dólmen de Antelas (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu). Um sepulcro-templo do Neolítico final", *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, 263-264.
- (1997), "A Necrópole do Bronze Final do "Paranho" (Molelos, Tondela, Viseu)", *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu (no prelo).
- CRUZ, D. J.; CUNHA, A. L.; GOMES, L. F. (1988-89), "Casa da Orca de Corgas da Matança (Fornos de Algodres, Guarda)", *Portugalia*, IX-X, 31-47.
- CUNHA, A. L. (1991), "Estação de Arte Rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar", *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 253-265.
- (1993), "Pinturas rupestres na Anta da Arquinha da Moura (concelho de Tondela, Viseu): notícia preliminar", *Estudos Pré-históricos*, 1, 83-97.
- (1994), "Un dolmen peint portugais, Anta da Arquinha da Moura", *Archéologia*, 304, 50-53.
- (1995), "Anta da Arquinha da Moura (Tondela)", *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, VII (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35-3), 133-151.

- FIGUEIRAL, I. (1997), "Necrópole do Paranho (Freg. de Molelos, Tondela). Resultados da análise dos carvões vegetais", *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu (no prelo).
- GIRÃO, A. A. (1921), *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Coimbra ["Memórias e Notícias. Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra" vol. 2].
- GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S. (1993), "Novos elementos sobre o vaso campaniforme na Beira Alta", *Estudos Pré-históricos*, 1, Viseu, 29-49.
- JORGE, V. O. (1991), "Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira — S. João da Pesqueira)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 31 (1-4), Porto, 181-184.
- JORGE, V. O.; BAPTISTA, A. M.; SANCHES, M. J.; SILVA, E. J. L.; SILVA, M. S.; CUNHA, A. L. (1988a), "O Abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira — S. João da Pesqueira) — Notícia preliminar", *Arqueologia*, 18, Porto, 109-130.
- JORGE, V. O.; BAPTISTA, A. M.; SANCHES, M. J. (1988b), "A Fraga d'Aia (Paredes da Beira — S. João da Pesqueira) — Arte rupestre e ocupação pré-histórica", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, 201-218.
- JORGE, V. O.; DELIBRIAS, G. (1988c), "Uma data de 14C para a Fraga d'Aia", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, 231-232.
- JORGE, V. O.; JORGE, S. O. (1990), "Statues-Menhires et stèles du nord du Portugal", *Revista da Faculdade de Letras*, II série, VII, Porto, 299-324.
- LEISNER, G. (1934), "Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta", *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, band 9, Berlin e Leipzig, Verlag Walter & C., 23-44, Est. X-XVI.
- LEISNER, G. e V. (1956-59), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, "Madrider Forschungen", I (1-2), Berlin.
- MOITA, I. (1956), "Características predominantes do grupo dolmênico da Beira Alta", *Ethnos*, 5, Lisboa, 189-277, XX ests.
- OLIVEIRA, A. C. (1996), *Contributo para o estudo da Pré-história Recente da bacia do Curso Médio da Ribeira da Meimosa*, Universidade do Porto (dissertação de mestrado, policopiada).
- PEARSON, G. W.; STUIVER, M. (1993), "High-precision bidecadal calibration of the radiocarbon time scale, 500-2500 BC", *Radiocarbon*, 35, pp. 25-33.
- PEDRO, I. (1995), *O Povoamento Proto-histórico na região de Viseu*, Viseu (dissertação de mestrado, policopiada).
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1963), "As gravuras liptotrípticas de Ridevides (Vilariça)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XIX (2), 111-144.
- SEGLIE, D.; RICCHIARDI, P. (1979-1980), "Il monumento megalitico di Pinhal da Pedra da Escrita - Portugallo. Un contributo allo studio delle religioni post-paleolitiche", *Annali del Museo Civico della Spezia*, II, 155-167.
- SENNA MARTINEZ, J. C. (1982), "Materiais Campaniformes do Concelho de Oliveira do Hospital (Distrito de Coimbra)", *Clio*, IV, 19-34.
- (1989), *Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (dissertação de doutoramento, policopiada).
- SHEE TWOHIG, E. (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.
- SILVA, A. M. (1995), Os restos humanos exumados na Anta da Arquinha da Moura (Tondela, Viseu), *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 141-150.
- SILVA, A. M., CUNHA, E. (1997), "As incinerações da Necrópole do Paranho: abordagem antropológica", *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu (no prelo).
- STUIVER, M.; PEARSON, G. W. (1993) "High-precision bidecadal calibration of the radiocarbon time scale, AD 1950-500 BC and 2500-6000 BC", *Radiocarbon*, 35, pp. 1-23.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993), "Extended ¹⁴C database and revised CALIB radiocarbon calibration program", *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230.
- TEIXEIRA, C. (1939), "Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel", *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, IX (1-2), pp. 126-130.
- VILAÇA, R. (1995), *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, *Trabalhos de Arqueologia*, 9, IPPAR.
- VILAÇA, R.; CRISTOVÃO, E. (1995), "Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova)", *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 201-211.